











e a Tecnologia

A GUERRA DO PARAGUAI E ALÉM

E ALÉM (ESTUDOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E LITERÁRIOS)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES LUIZ HENRIQUE TORRES MARCELO FRANÇA DE OLIVEIRA

O ARQUIVO MONTENEGRO, A GUERRA DO PARAGUAI E ALÉM (ESTUDOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E LITERÁRIOS)





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE - FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE - PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO - MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO - LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO - RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO - VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO - ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves Luiz Henrique Torres Marcelo França de Oliveira

O ARQUIVO MONTENEGRO, A GUERRA DO PARAGUAI E ALÉM (ESTUDOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E LITERÁRIOS)



- 19 -











Lisboa / Rio Grande 2020 Ficha Técnica

Título: O Arquivo Montenegro, a Guerra do Paraguai e além (estudos históricos, geográficos e literários)

Autores: Francisco das Neves Alves; Luiz Henrique Torres e Marcelo França de Oliveira

Coleção Documentos, 19

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Rendição de Uruguaiana – Pedro Américo

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de

Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2020

ISBN - 978-65-87216-01-0

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras — História da Literatura (FURG). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou 86 livros.

Marcelo França de Oliveira é Doutor em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foi professor substituto no Instituto de Ciências Humanas e da Informação na FURG e professor na Universidade Aberta do Brasil. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas e editor na Editora Casaletras, de Porto Alegre, tendo editado mais de 200 obras. Possui 16 livros publicados entre autoria, coautoria e organização, além de assinar o posfácio da edição eletrônica brasileira de "As Cidades e as Serras", de Eça de Queiroz.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL - Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

... laborioso escritor José Arthur Montenegro [foi], infatigável cultor das letras pátrias (...). São numerosos e interessantes os trabalhos literários originais ou traduzidos e anotados que devemos à esclarecida inteligência e cuidadoso estudo deste nosso digno consócio.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1901.

José Arthur Montenegro foi laborioso escritor das coisas pátrias. Nos seus variados e múltiplos trabalhos há muito que aprender (...) foi um predestinado da inteligência, e soube dela se aproveitar para o engrandecimento das letras pátrias.

Antônio da Cunha Barbosa (*Revista da Academia Cearense*, 1901)

ÍNDICE

O PESQUISADOR JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO, 11
ESTUDOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E LITERÁRIOS, 40
A GUERRA DO PARAGUAI: FOTOGRAFIAS AVULSAS, 107

O PESQUISADOR JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

José Arthur Montenegro viveu de fevereiro de 1864 até abril de 1901, portanto, com uma existência de trinta e sete anos. Trabalhou desde cedo, desempenhando diferentes atividades profissionais, iniciando-as aproximadamente aos quatorze anos de idade e desempenhando-as até a morte, ou seja, ao longo de praticamente cinco lustros. Ao lado de tais atribuições que lhe permitiam a sobrevivência material, praticou uma ação mental e cultural que se intensificou, como ele mesmo afirmou junto à imprensa¹, quando tinha a idade de vinte e três anos, computando um total de quatorze anos de sua vida². Ainda que esta última atuação tenha sido curta no cronológico – mesmo que significativa em relação à sua breve existência – caracterizou-se por ser amplamente ativa e extremamente profícua.

Ele foi autor, tradutor, organizador e anotador de livros, articulista e colaborador junto à imprensa periódica e, em consonância com os anteriores, um incansável pesquisador. Além disso, Montenegro promoveu por meio de missivas e de contatos pessoais um formidável intercâmbio com outros investigadores ou atores sociais vinculados aos eventos que estudava. Tantas interfaces permitiram seu ingresso em diversas instituições culturais, acadêmicas e científicas no contexto nacional e internacional. Nesse sentido, para os padrões de sua época e os lugares onde viveu, Arthur Montenegro desempenhou muito a contento o papel de intelectual, o qual acabou por ser

¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 31 maio 1893, a. 45, n. 12.557, p. 1.

² Dados biográficos mais completos do autor podem ser observados nos números 17 e 18 desta Coleção.

significativamente reconhecido por seus pares, pelo periodismo e por seu público leitor.

Esse ingresso do escritor à categoria de intelectual vem ao encontro das propriedades por ele constituídas a partir do espaço de sua produção em um estado determinado do campo literário. Diante disso, pode surgir uma legitimidade literária, ou seja, entre outras coisas, o monopólio do poder de dizer com autoridade que está autorizado a dizer-se escritor, ou mesmo a dizer quem é escritor, ou ainda, o monopólio do poder de consagração dos produtores ou dos produtos culturais e acadêmico-científicos³. De acordo com um *habitus* socialmente constituído, o estudioso passa a ocupar posições que lhe são oferecidas por um determinado estado do campo intelectual, vindo assim a adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições⁴.

A questão da legitimidade intelectual se estabelece por meio de um conhecimento realista daquilo que o agente cultural é e daquilo de que nele são capazes em função da posição nele ocupada. Ao estabelecer um trabalho científico, o agente intelectual visa a estabelecer um conhecimento adequado não só ao espaço das relações objetivas entre as diferentes posições constitutivas do campo, mas também das relações necessárias estabelecidas, pela mediação dos *habitus* dos seus ocupantes, entre tais posições e as tomadas de posição correspondentes. Nessa linha, o pesquisador estabelece sua ação

³ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 244 e 253.

⁴ BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 190.

entre os pontos ocupados neste espaço e os pontos de vista sobre este mesmo espaço, os quais participam na realidade e no devir deste espaço⁵.

Nesse sentido, Montenegro correspondeu ao papel de intelectual, como aqueles agentes que entram na pele da personagem social que deles se espera e que eles esperam de si próprios, correspondendo à vocação, a partir da força de uma coincidência imediata e total do *habitus* e do hábito que faz o verdadeiro monge. Tal coincidência pode se dar entre a vocação e a missão, entre a procura inscrita quase sempre de maneira implícita, tácita e até mesmo secreta e a oferta oculta nas atitudes. A ação do agente intelectual decorre do efeito das atitudes introduzidas por ele em posições que são próprias para comandar a sua percepção e a sua apreciação da posição e, por conseguinte, a sua maneira de mantê-la e, ao mesmo tempo, a própria realidade da posição.

Assim, J. Arthur Montenegro enfrentou uma realidade vinculada ao trabalho que lhe deu a sustentação. Foi marítimo, soldado, secretário, amanuense, arquivista e encarregado em empresas do ramo ferroviário. Mas o habitus e o hábito, demarcados por uma disciplina férrea, permitiram que ele desse vazão a sua vocação/missão de pesquisador. Não poupou esforços para conciliar estas duas realidades, a profissional e a vocacional, obtendo significativo êxito em tal empreitada. Levou seus esforços ao extremo e, a partir daí, reuniu um formidável manancial de informações e documentos. De tal ação enérgica resultou uma produção intelectual considerável e, se não conseguiu

⁵ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 150.

⁶ BORDIEU, 1989. p. 87 e 90.

levar à conclusão todos os seus projetos, mormente quanto às publicações, isso não adveio da falta de iniciativa e sim do passamento precoce.

No Brasil daquele final de século, época em que foram estabelecidos os empreendimentos culturais de Montenegro, os denominados homens de letras – como eram conhecidos os representantes da intelectualidade – tinham em geral uma ação múltipla, dedicando-se a estudos que vislumbravam áreas diversificadas do conhecimento humano. A atuação do estudioso cearense de nascimento e gaúcho por adoção não foi diferente. Ele tinha uma predileção pela pesquisa histórica e um tema preferencial ao qual dedicou boa parte de sua existência – a Guerra do Paraguai. Mas isso não impediu que ele também militasse em outras áreas, dedicando diversos trabalhos à geografia e também à literatura.

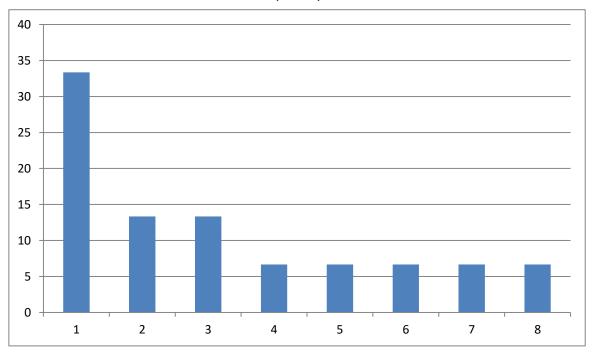
Os escritos publicados e/ou projetados pelo autor revelavam essa abordagem múltipla. Tal perspectiva fica evidenciada a partir dos títulos de seus livros que chegaram a ser editados, ficaram no prelo ou mesmo permaneceram como manuscritos, vindo a ser citados pelos seus biógrafos, de acordo com o seguinte quadro:

Obras projetadas por J. Arthur Montenegro				
título	status			
Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional (organização)	livro editado pela Livraria Americana em 1891 (Rio Grande)			
Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre (tradução/ organização/introdução/anotação)	livro editado pela Tipografia Trocadero e depois pela Livraria Americana em 1893 (Rio Grande)			
Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi (tradução/ organização/introdução/anotação)	livro editado pela Livraria Americana em 1895 (Rio Grande)			
Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul (autoria)	livro editado pela Livraria Americana em 1895 (Rio Grande)			
Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai (autoria)	livro editado pela Livraria Rio- Grandense em 1900 (Rio Grande)			
<i>O Uruguai</i> (organização/introdução/anotação)	livro editado por Echenique Irmãos & Cia. em 1900 (Pelotas)			
<i>História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879- 1881</i> (autoria)	fragmentos publicados junto à imprensa periódica			
Cristóvão Colombo e o descobrimento da América – História da geografia do Novo Continente (tradução e organização)	fragmentos publicados junto à imprensa periódica			
Efemérides da Campanha do Uruguai e Paraguai (autoria)	fragmentos publicados junto à imprensa periódica			
Viagem pitoresca pelos Rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço e Arinos (tradução e organização)	fragmentos publicados junto à imprensa periódica			
História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai (autoria)	obra projetada e em parte manuscrita			
Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio	obra projetada			

Grande do Sul (autoria)	
Dicionário das madeiras do Brasil (autoria)	obra projetada
<i>As ilhas do Brasil</i> (autoria)	obra projetada
Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos	obra projetada
XVIII e XIX (autoria)	

O tema preferido de Montenegro foi mesmo a Guerra do Paraguai, correspondendo a um terço dos assuntos principais de seus livros publicados/projetados, ficando as demais temáticas bastante multifacetadas, como pode ser observado no próximo gráfico:

Temáticas dos livros publicados/projetados por J. Arthur Montenegro (em %)

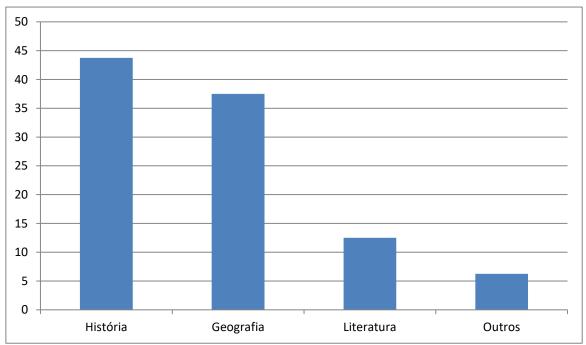


ONDE:

- 1 Guerra do Paraguai
- 2 Geografia e História do Rio Grande do Sul
- 3 Explorações científicas
- 4 Organização militar
- 5 Literatura colonial
- 6 História da América
- 7 Dendrologia
- 8 Nissologia

Já quanto à área do conhecimento predominante na escritura de Arthur Montenegro, a maioria de seus estudos é de natureza histórica, seguidos pela geográfica, conforme o próximo gráfico:





As próprias instituições acadêmico-científicas as quais ele pertenceu, e que revelavam sua notoriedade intelectual, eram diversificadas quanto a seus focos, envolvendo a cultura em geral, a história, a geografia, as letras e a arqueologia, conforme o quadro abaixo:

Entidades culturais, acadêmicas e científicas nas quais J. Arthur Montenegro esteve associado

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro
Sociedade de Geografia de Lisboa
Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano
Instituto Histórico e Geográfico da Bahia
Instituto Geográfico Argentino
Ateneu de Buenos Aires
Centro Literário do Ceará
Academia Cearense
Associação Guerreiros do Paraguai
Instituto de Coimbra
Associação dos Homens de Letras de Caracas

A multiplicidade de enfoques e áreas do saber nas pesquisas de Montenegro associada às instituições culturais por ele integradas pode ser observada também a partir do fato de que em algumas ele ingressou como historiador, em outras como geógrafo e/ou, em outras ainda, como literato. Em síntese ficava expressa, independente do segmento do conhecimento estudado, o seu reconhecimento como intelectual. Seu ingresso no Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro corrobora tal perspectiva, como pode ser observado na transcrição das atas que demarcaram o trâmite de tal entrada⁷:

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

1ª Sessão ordinária em 17 de março de 1895 – Pareceres da comissão de admissão de sócios:

A Comissão de Geografia leu e examinou atentamente os trabalhos literários do Sr. José Arthur Montenegro, que foram submetidos à sua apreciação, para servir de título de admissão do mesmo senhor no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme a proposta junta por cópia.

Esses trabalhos, em grande parte, são traduções de memórias e monografias históricas, concernentes à Guerra do Paraguai, enriquecidas de notas preciosas do tradutor, o qual conseguiu, destarte, prestar um bom serviço à história e às letras pátrias.

As memórias de Mme. Duprat de Lasserre, trasladadas do espanhol para a língua vernácula, contém a narração dos sofrimentos inauditos de milhares de senhoras da melhor sociedade do Paraguai, que morreriam à fome nos desertos inóspitos do Iguatemi, se não fora o auxílio e proteção das forças brasileiras, sob o comando em chefe do Sr. conde D'Eu, o qual, mandando o destemido tenente-

⁷ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1895, t. 58, parte 2, p. 297-300, 309 e 313.

coronel Antônio José de Moura àqueles lugares, mostrou grande empenho em libertar as famílias paraguaias da horrível situação em que ser achavam.

A 28 de dezembro de 1869 chegou o tenente-coronel Moura do acampamento do Espadim, donde conseguira arrancar mais de mil mulheres e crianças, em mísero estado.

"Nos apresentamos, diz Mme. Duprat de Lasserre, à Sua Alteza o Sr. marechal conde D'Eu, que nos recebeu, bem como o seu estado maior, com as demonstrações do mais vivo interesse, manifestando sensível e delicada compaixão pela nossa extrema miséria."

As monografias históricas de Juan Silvano de Godoi (versão do Sr. A. Montenegro), acompanhadas do depoimento do general Resquin, referem sucessos políticos e militares ocorridos durante a Guerra do Paraguai. O Sr. A. Montenegro, em suas notas tão numerosas quanto interessantes, procurou de um modo louvável elucidar alguns fatos importantes, restabelecer a verdade histórica sobre certas operações militares dos exércitos aliados e, ao mesmo tempo, refutar, com documentos e autoridades irrecusáveis, acusações infundadas do autor contra os brasileiros.

Com relação à Guerra do Paraguai encontra-se ainda, entre os trabalhos mencionados, um escrito do Sr. Arthur Montenegro, contendo judiciosas considerações sobre o ataque mortífero de Itororó.

Parece que o autor tem entre mãos um trabalho desenvolvido sobre a campanha do Paraguai, assim como sobre a Guerra Chileno-Peru-Boliviana, de

cujo livro inédito exibe um trecho relativo à Batalha de Iquique, ferida a 21 de maio de 1879, luta titânica em que a superioridade dos couraçados peruanos fez sobressair a perícia e a habilidade dos marinheiros do Chile, no desenvolvimento das suas manobras naquele terrível encontro.

Esse trecho publicado é precedido de duas cartas notáveis, uma do comandante do monitor *Huascar*, o célebre D. Miguel Grau, outra da digna esposa de D. Arthuro Prat, o comandante da corveta *Esmeralda*; são documentos preciosos para a história que aí ficam registrados.

De um livro inédito, *Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, por J. Arthur Montenegro, o autor fez publicar uma descrição do Rio Ibicuí, cuja bacia hidrográfica compreende 44.000 quilômetros quadrados, sendo este grande rio em seu curso bordado por extensas matas, onde se encontra toda a sorte de madeiras de construção e marcenaria, terrenos apropriados à agricultura, etc.

A enorme bacia do Ibicuí, diz o autor, apresenta uma seção navegável de cerca de 2.000 quilômetros mediante despesas relativamente diminutas.

O autor trata do regime das águas, e sua instabilidade, das inesperadas enchentes, tão frequentes naquela zona, em consequência das trombas ou bombas de água, cujas causas procura investigar, emitindo sua opinião.

Entre os trabalhos oferecidos ao Instituto pelo Sr. J. Arthur Montenegro há, também, uma tradução do livro de B. Bossi, *Viagem pitoresca pelos Rios Paraná, Paraguai, São Lourenço e Arinos* e notícia descritiva da antiga província

de Mato Grosso, debaixo do seu aspecto físico, etnográfico, mineralógico e produções naturais, etc.

O Sr. A. Montenegro ajuntou à sua versão numerosas notas, que se podem considerar como complementares da obra de B. Bossi, o que torna este trabalho literário, como os outros acima referidos, de incontestável merecimento, salvo uma ou outra falta que se pode atribuir a erro de impressão. Concluindo, é a Comissão de parecer que a proposta siga os seus termos, ouvida a Comissão de Admissão de Sócios. – Rio de Janeiro, 17 de março de 1895. – marquês de Paranaguá – Homem de Mello – barão de Capanema."

Submetido à discussão é aprovado o parecer, e vai à Comissão de Admissão de Sócios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia.

3ª Sessão ordinária em 14 de abril de 1895 - Pareceres

O desenvolvido e bem elaborado parecer da Comissão competente, firmado pelos ilustres consócios marquês de Paranaguá, barão Homem de Mello e barão de Capanema, justifica plenamente a entrada do Sr. José Arthur Montenegro para o Instituto, onde seguramente continuará a prestar importantes serviços à história pátria, a cujo estudo se entrega com consciencioso desvelo.

A Comissão de Admissão de Sócios é portanto de parecer que seja aceito como membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Sr.

José Arthur Montenegro. – Sala das sessões, 6 de abril de 1895. – Manoel Francisco Corria – barão de Alencar.

Ficam os pareceres sobre a mesa, a fim de serem votados na seguinte sessão.

4ª Sessão ordinária em 5 de maio de 1895 - ordem do dia

Passando-se a votar sobre os pareceres da Comissão de Admissão de Sócios, relativos aos Srs. barão do Rio Branco, Martin Garcia Merou e Arthur Montenegro, correndo o escrutínio para cada um deles, e sendo unanimemente aprovados, foram pelo Sr. Presidente proclamados, o 1º e o 2º como sócios honorários, e o 3º como sócio correspondente do Instituto.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A entrada na Academia Cearense também demonstrou a notoriedade intelectual de Montenegro⁸:

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

⁸ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, a. 1, fascículo 1, p. xxxiv.

Sessão em 29 de outubro de 1895

A Comissão de Geografia, História, etc., apresentou seu parecer concluindo pela admissão do Sr. J. Arthur Montenegro para sócio correspondente.

O parecer é concebido nos seguintes termos:

A Comissão de Geografia, História, etc., tendo examinado as *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, apresentadas para servirem de título de admissão do Sr. J. Arthur Montenegro, natural de S. Francisco de Uruburetama e atualmente residente no Estado do Rio Grande do Sul, para um dos lugares de sócios correspondentes da Academia Cearense, é de parecer que lhe seja conferido o título que pretende.

O candidato já tem publicado diferentes trabalhos sobre História Americana, que o recomendam, e faz parte de associações científicas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Sociedades de Geografia do Rio de Janeiro e Lisboa.

Tal é nosso voto, que sujeitamos à esclarecida apreciação da Academia.

Sala das sessões em 29 de outubro de 1895 – Guilherme Studart – H. Theberge – Antônio Bezerra.

Posto a votos, o parecer foi aprovado por unanimidade

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Assim como o ingresso nessas instituições serviu para revelar o reconhecimento intelectual e a produção diversificada de Arthur Montenegro, o

mesmo ocorreu por ocasião de seu falecimento, quando vários elogios fúnebres ocorreram, como foi o caso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁹:

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

6ª Sessão ordinária em 10 de maio de 1901

(...) O Sr. Presidente comunica nos seguintes termos o falecimento do consócio o Sr. J. Arthur Montenegro:

"Senhores: – Na lista dos nossos prestimosos consócios já não é contemplado infelizmente o nome do laborioso escritor José Arthur Montenegro.

A 5 de abril do corrente ano, segunda as notícias recebidas, faleceu no Rio Grande do Sul este infatigável cultor das letras pátrias, vítima de antigos padecimentos que de contínuo lhe minaram a existência.

São numerosos e interessantes os trabalhos literários originais ou traduzidos e anotados que devemos à esclarecida inteligência e cuidadoso estudo deste nosso digno consócio. Em grande parte vem mencionados com justo louvor no parecer da Comissão de Geografia, a que se refere o da Comissão de Admissão de Sócios de 6 de abril de 1895.

26

⁹ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1901, t. 64, parte 2, p. 190-191.

Em seus escritos sobre a Guerra do Paraguai em que tomou parte, elucidou o diligente escritor fatos importantes e restabeleceu a verdade histórica com relação a certas operações militares dos exércitos aliados.

É incontestável o merecimento dos trabalhos históricos já conhecidos do finado consócio e outros inéditos virão certamente confirmar o juízo favorável anteriormente enunciado pela nossa ilustrada associação.

Foi uma perda sensível a que acabou de sofrer o Instituto que hoje cumpre rigoroso dever fazendo inserir na ata um voto de profundo pesar por tão lamentável acontecimento."

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Também a Academia Cearense manifestou pesares pelo passamento de Montenegro, trazendo à baila a sua notoriedade no meio cultural¹⁰:

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Sessão a 7 de maio de 1901

Lido o expediente, o barão de Studart transmite em frases pesarosas à Academia a notícia de haver falecido no Estado do Rio Grande do Sul o sócio correspondente José Arthur Montenegro, cuja boa amizade todos nós disputávamos e cujos serviços às letras pátrias e mormente à História Brasileira são inolvidáveis.

¹⁰ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 187-188.

O Sr. Presidente, tomando a palavra fez o histórico da vida do nosso pranteado companheiro e concluiu propondo, o que foi por unanimidade aprovado, que na presente ata ficasse consignada a expressão do sentimento da Academia por perda tão sensível e que em homenagem à memória do morto fosse levantada a sessão.

Sessão de 16 de julho de 1901

Lido o expediente, o acadêmico barão de Studart voltou a tratar do falecido sócio correspondente José Arthur Montenegro, salientando as homenagens prestadas à sua memória por todo o jornalismo do país, nomeadamente pelo do Rio Grande do Sul, Estado onde por longos anos viveu o nosso pranteado patrício e distinto homem de letras e as manifestações feitas pelo Instituto Histórico Brasileiro e pelos Institutos da Bahia e Pernambuco, associações a que, como à nossa, ele pertencia, além de muitas outras quer nacionais quer estrangeiras.

$\Diamond \Diamond \Diamond \Diamond \Diamond \Diamond$

A Revista da Academia Cearense ainda homenageou José Arthur Montenegro por meio de texto publicado por Antônio da Cunha Barbosa, escritor que também pertencia à entidade. Tratava-se de uma composição biográfica e panegírica, exortativa ao valor intelectual de Montenegro¹¹:

¹¹ BARBOSA, Antônio da Cunha. Esboços biobibliográficos dos acadêmicos visconde de Taunay e José Arthur Montenegro. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 9-10 e 32-39.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

PREFÁCIO

Os nossos desvalorosos esboços biobibliográficos das duas sumidades literárias brasileiras confrades da Academia Cearense não constituem, por sem dúvida, estudos completos das suas individualidades.

Simples apontamentos, notas a lápis colecionadas, adrede, cuidadosamente, como tal deve ser recebido o nosso despretensioso trabalho.

O visconde de Taunay foi (...).

José Arthur Montenegro foi laborioso escritor das coisas pátrias. Nos seus variados e múltiplos trabalhos há muito que aprender.

Esboços, e não biografias, escrevemos desses dois grandes patriotas.

As suas memórias sirvam-nos de farol, por entre os escolhos da vida; sirvam-nos de exemplo para que nos guiem, pela senda que trilham, para bem servir à pátria, para ensinar-nos a engrandecer a terra, que como eles também estremecemos.

Dos nossos dois biografados há muito que imitar: *Amor ao trabalho, amor à pátria*.

José Arthur Montenegro

O laborioso cearense, cuja biobibliografia vamos ligeiramente esboçar, foi um predestinado da inteligência, e soube dela se aproveitar para o engrandecimento das letras pátrias.

A 20 de fevereiro de 1864 nasceu em Uruburetama, Estado do Ceará, o menino José, filho de Antônio Thiago de Mello e de D. Ermelinda Montenegro de Mello.

Foi carinhosamente educado por seus país, que, apesar de pobres, extremosos não lhe regatearam instrução esmerada.

Desde muito moço ligou grande interesse à guerra contra o ditador Lopez, período verdadeiramente épico da nossa história, ao qual o patriota Montenegro consagrou todo o seu entusiasmo juvenil.

Ansioso de conhecer por observação direta as costas do Brasil, de 1878 a 1880, praticou pilotagem com seu tio José M. de Amorim Bezerra, acompanhando-o como mareante em diversas viagens.

Em 1881 deixou essa carreira para matricular-se, como praça de linha, na Escola Militar, onde fez o curso de preparatórios. Desligando-se em 1884, em 1889 pediu demissão do exército para ir servir como auxiliar de 1ª classe da comissão fiscal da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, onde se conservou até 1898, quando se retirou para a capital da sua terra natal – Fortaleza – para procurar alívio a uma tenaz enfermidade – tísica laríngea –, que o levou ao túmulo a 3 de abril de 1901, na cidade do Rio Grande.

Em 1888 desposou a Sra. D. Tereza Montenegro, distinta rio-grandense, sua inseparável companheira, de quem houve um filho.

No lar doméstico, como na vida pública e literária, Montenegro foi sempre corretíssimo e exemplar cavalheiro, dedicado na amizade, querido na família, fervoroso pela pátria.

Durante os meses que residiu no Ceará, obteve sensíveis melhoras. Aí desempenhou o cargo de secretário da Estrada de Ferro de Baturité, até ser ela arrendada a uma empresa incorporada pelo engenheiro Alfredo Novis.

Regressando ao Rio Grande do Sul foi exercer idêntico cargo na Estrada de Ferro do Rio Grande a Bagé, cargo que ocupou até o dia do seu falecimento.

Foi literato operoso, historiador erudito. Os quinze anos de cruéis padecimentos, que torturam a sua curta existência, não o afastaram do trabalho, com que serviu às letras e à pátria.

Confeccionou guias bibliográficas, anotou diversos livros nacionais e estrangeiros, uma avultada quantidade de memórias, esparsas umas, outras inseridas em várias revistas, muitas finalmente inéditas. Colaborou nos jornais: *República*, do Ceará; *Diário do Rio Grande*, dessa cidade; *Correio Mercantil*, de Pelotas; *Correio do Povo*, de Porto Alegre e *Século* de Lisboa.

Dedicando-se com ardor aos estudos da História do Brasil, sobretudo aos que se referem à Guerra contra o Paraguai, deu à luz as *Efemérides das campanhas do Uruguai* e Paraguai, extraídas da sua obra inédita: *Guerra da Tríplice Aliança*. No prefácio declara: Darei a conhecer o meu livro sobre o

Paraguai, provocarei discussão, donde far-se-á luz sobre muitos casos ainda obscuros e atrairá para o meu arquivo os dados que me faltam.

Dicionário histórico e geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, iniciado em 1889. Dele foram publicados diferentes trechos sob a denominação de Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul, Rio Grande, 1895, 59 págs. In. 8°. Oferecidas à Academia Cearense e ao seu amigo e ilustre conterrâneo o Dr. Guilherme Studart (barão de Studart). Foi o seu primeiro trabalho geográfico. Trata da Bacia do Ibicuí, do Arroio Taim, coordenadas geográficas e altitudes.

Foram muito elogiadas por toda a imprensa, principalmente pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Abriram-lhe as portas da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e de Lisboa e da Academia Cearense.

Publicou ainda o *Dicionário das madeiras do Brasil* que tomou por base o *Ensaio do índice geral das madeiras do Brasil*, dos engenheiros André e José Rebouças.

História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879 a 1881, da qual fez aparecer alguns excertos na imprensa diária, como no Diário do Rio Grande de 30 de maio, nºs. 3, 4 e 5 de junho de 1893, transcritos no Almanaque popular do Rio Grande do Sul de 1894. Foi apreciada esta obra pelo contra-almirante D. Luiz Uribe y Orsego, comandante da Escola Naval de Valparaíso e pelo coronel peruano D. Juan A. Arona.

Memórias de Mme. Dorothéa Duprat Lasserre, versão do manuscrito original, anotado pelo tradutor. Teve duas edições: a primeira em setembro e a segunda em dezembro de 1893.

Constituem um trabalho interessante por tratar de um assunto posto à margem pelos historiadores da campanha do Paraguai e que Montenegro chamou a si para torná-lo conhecido.

Mme. Lasserre, salva do degredo do Espadin pela expedição do tenentecoronel José Antônio de Moura, escreveu estas *Memórias* em 1870, a pedido do coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães.

Nas suas *Memórias*, Mme. Lasserre descreveu os assombrosos martírios por que passaram milhares de delicadas senhoras da melhor sociedade, *designadas* pelo monstro paraguaio para morrer nos desertos de Iguatemi. Os penosos sofrimentos de Mme. Lasserre e de suas companheiras desgraçadas foram a consequência natural dos acontecimentos de S. Fernando em 1868. Mme. Duprat Lasserre nos transmite o histórico dos sofrimentos inauditos dessa porção de viúvas e órfãos, salvos pelo exército brasileiro nos desertos do Espadin.

Historiador correto e elegante, o ilustre cearense verteu para a língua vernácula esses horrorosos fatos, acompanhados de curiosas notas, testemunho do valor do estudioso e escolhido historiógrafo.

Guerra do Paraguai – Monografias históricas por Juan Silvano Godoi, com um apêndice contendo o capítulo VIII do livro de Benjamin Mossé sobre a campanha do Paraguai e depoimento do general D. Francisco Isodoro Resquin, Rio Grande, 1895, 130 págs. In 4°.

É o primeiro trabalho histórico sobre a luta de 1864 a 1870, que sai de uma pena paraguaia.

Em apêndice o tradutor e anotador ajuntou um trecho do livro daquele escritor francês — *D. Pedro II*, no qual resumidamente historia com precisão e notável imparcialidade todos os sucessos dessa tremenda guerra e o depoimento do general Isidoro Resquin, chefe do estado-maior do marechal Solano Lopez.

É uma obra curiosa e interessante para os que se dedicam a esses assuntos históricos brasileiros.

Viagem pitoresca pelos Rios Paraná, Paraguai, S. Lourenço e Arinos por B. Bossi. Versão para o português em 1864, anotada e publicada em fevereiro, março e abril de 1894 no Eco do Sul.

Esta tradução foi louvada pelas imprensas platinas e castelhanas; sobretudo tratando-se de uma composição rara, se bem que contemporânea.

Cristóvão Colombo e o descobrimento da América. História da Geografia do Novo Continente e dos progressos da astronomia náutica nos séculos 15° e 16° por Alexandre Humboldt. Foi traduzida de 1884 a 1885 e publicada de 1893 a 1894 na Atualidade.

Uma das últimas produções deste laborioso autor é, por sem dúvida, a edição especial do poema épico de José Basílio da Gama, *O Uruguai*, com

anotações e prefácio de XXV págs. no qual, em larguíssimos traços, trata dos antecedentes do *momento histórico* alcançado pelo poema de Basílio da Gama, período que, originando-se na fundação da Colônia do Sacramento (1680), constitui o início dos acontecimentos político-sociais do atual Estado do Rio Grande do Sul.

O poema de Basílio da Gama teve diversas edições. A primeira aparecida e impressa em Lisboa em MDCCLXIX na Régia Oficina Tipográfica; uma outra do Rio de Janeiro (Vinheta), publicada pela Imprensa Régia em MDCCCXI; uma nova edição de Lisboa saída da Imprensa de José Nunes Esteves, a publicada na Minerva Brasiliense, ou coleção de obras originais ou traduzidas de autores clássicos, tomo II, Tipografia Austral, 1884; a editada pelo Dr. Francisco Adolfo de Varnhagen, posteriormente visconde de Porto Seguro, estampada na Imprensa Nacional de Lisboa, em 1845, sob o título *Épicos brasileiros*, Basílio da Gama. *O Uruguai* – Frei José de Santa Rida Durão, *O Caramuru*.

Quatro outras edições vieram à luz: a de Paulo Brito, em 1856, impressa na Tip. Dois de Dezembro; a da Galeria de Escritores Brasileiros, de Francisco Pacheco, Livraria Clássica, de Alves & Cia., Rio de Janeiro, 1895; a tradução inglesa publicada por Burton, e finalmente o opúsculo do nosso saudoso amigo Dr. Felix Ferreira, publicado pelo *Jornal do Comércio*, em agosto de 1895, para comemorar o primeiro centenário da morte do poeta.

Pelo que temos lido em Inocêncio da Silva, Brito Aranha, Sotero dos Reis, Silvio Romero, Pereira da Silva, e alguns outros bibliógrafos e historiadores, que se têm ocupado com o imortal cantor de *O Uruguai*, chegamos a concluir que a edição de Montenegro é a mais correta e criteriosamente anotada.

Convidado pela Biblioteca Pública de Pelotas, do Rio Grande do Sul, para escrever algum trabalho comemorativo do 4º centenário do descobrimento do Brasil, Montenegro escolheu para esse fim a edição especial do poema, o que brilhantemente executou. Foi uma das mais estimáveis publicações do centenário; bem recebida por toda a imprensa nacional e estrangeira, que lhe teceu os maiores encômios.

A sua obra prima, porém, a de maior vulto, inédita, é a *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, em oito volumes, dos quais seis de texto, dois de anexos, ou documentos justificativos e um Atlas com 74 mapas do teatro da guerra, outro de batalhas, perfis de fortificações, etc. É ilustrada com fotografias, representando as principais batalhas de terra e mar com cerca de dois mil retratos dos oficiais dos quatro exércitos beligerantes, ministros, diplomatas, etc.

É o trabalho mais completo sobre esse assunto. Montenegro possuía quase tudo que sobre ele se tem escrito em idiomas português, francês, espanhol, alemão e inglês.

Meses antes do seu falecimento, mostrou-nos um belo livro escrito em inglês pelo Dr. Assis Brasil, nosso ministro em Washington. É uma refutação à obra do americano Thompson traduzida por Pereira da Costa e editada pelo falecido livreiro Guimarães à Rua General Câmara.

Dispondo de uma riquíssima e variada biblioteca, correspondia-se com os principais historiadores brasileiros e com as Repúblicas do Prata, Paraguai, Chile, Venezuela e Portugal.

Do saudoso visconde de Taunay, de quem foi amigo, escreveu tópicos de uma biografia, publicados na *Revista da Academia Cearense*.

Aquela sua última produção tencionava oferecer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

De como se deu o início das relações amistosas que se dedicaram até a morte os dois ilustres homens de letras fez-nos o histórico uma vez o barão de Studart, numa daquelas suas eruditas palestras de que estamos a nos recordar sempre com saudade.

O barão ouviu o episódio dos lábios do próprio Montenegro.

Era a bordo de um vapor. Entre os passageiros contava-se o sargento Montenegro, que estava a serviço da sua profissão. Uma tarde fazia ele a leitura de um livro, precisamente *A retirada de Laguna*, quando se lhe aproximam algumas pessoas; Montenegro entra a elogiar o livro de Taunay; um dos circunstantes indaga do moço entusiasta se conhecia o autor; Montenegro diz que não e o interlocutor se dá a conhecer. Era o próprio Taunay, que daí a dias presenteava-o com alguns dos seus trabalhos a que acompanhava amiga e honrosa dedicatória.

Daquele encontro dataram os fortes liames que prenderam aos dois e de que foi fruto uma assídua e brilhante correspondência que, no dizer do barão, dará para volume de imenso valor muito para ser publicado.

Das paredes da sua sala de trabalho pendiam quadros emoldurando os mais distintos diplomas de Associações, das quais fazia parte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocupando o lugar de honra, ladeado dos da Academia Cearense e Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Academia Real de Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, dos Institutos Histórico e Geográfico da Bahia e Arqueológico de Pernambuco, do Instituto Geográfico Argentino, Ateneu de Buenos Aires, Centro Literário do Ceará, Associação Guerreiros do Paraguai, Associação Homens de Letras de Caracas (Venezuela), etc. etc.

Tais foram as distinções dos seus meritórios trabalhos históricos e literários, com os quais o seu nome passará triunfante às consagrações póstumas.

Este operoso homem de letras, no dia em que veio a falecer, deixou o seu gabinete abundante desses gloriosos troféus e vazio de cabedais, que deveriam recompensar as horas ignoradas do seu grande labor.

Ao desamparo encontra-se a família, mas José Arthur Montenegro legoulhe honroso e fulgurante nome.

José Arthur Montenegro, vigoroso historiador da Guerra contra o Paraguai, barão de Studart, o erudito e fecundo cearense, quem melhor conhece e tem escrito sobre coisas da sua terra natal e Dr. Alexandre José de Mello Morais Filho, conhecido escritor das *Festas populares do Brasil*, historiador, poeta, cultor do nacionalismo pátrio, têm constituído a trindade dos nossos mais íntimos e distintos amigos.

Aos braços da piedosa cruz, que vela o túmulo do primeiro, suspenderemos uma coroa de orvalhados goivos; quanto aos outros, fazemos votos para que se lhe dilatem os dias, tão prometedores e úteis às letras nacionais.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Escrever livros e artigos, promover uma pesquisa extraordinária, pertencer a várias entidades culturais no país e no exterior, estabelecer uma rede de intercâmbios envolvendo várias partes do mundo, dominar diferentes idiomas, como comprovavam suas traduções, a correspondência e a biblioteca multilíngues, são apenas alguns dos fatores que demarcam o pertencimento de Montenegro ao mundo intelectual de sua época. Da múltipla e reconhecida carreira de José Arthur Montenegro, uma de suas maiores heranças foi o patrimônio documental e bibliográfico legado. A seguir são destacados três estudos que demonstram a sua diversificada produção, a partir de uma amostragem de um trabalho de natureza geográfica, um de cunho literário e outro de fundo histórico, abordando um fragmento da temática essencial de suas pesquisas – a Guerra do Paraguai.

ESTUDOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E LITERÁRIOS

O primeiro livro autoral publicado por José Arthur Montenegro foi *Notas para a carta geográfica do Rio Grande*,12 editado em 1895, pela Livraria Americana, tradicional casa cultural sul-rio-grandense, apresentando as dimensões de 21 X 16 cm. A obra era dedicada à Academia Cearense e homenageava Guilherme Studart, membro da citada entidade e escritor que travava relações culturais com Montenegro, vindo a ser, inclusive, um de seus biógrafos. O autor explicava que, cearense de nascimento, oferecia àquela instituição científico-literária, localizada no nordeste brasileiro, um trabalho sobre uma região longínqua, ou seja, as terras meridionais do Brasil. Demarcava também que a Academia poderia julgar um possível mérito daquele "despretensioso estudo", critério que serviria de incentivo a algum "cometimento de maior vulto".

A abordagem de tais *Notas* é eminentemente descritiva, intentando estabelecer um mapeamento da bacia hidrográfica em questão, com a utilização de notas referenciais de cunho bibliográfico, explicativo e complementar. Ao redigir, o escritor utilizou tanto seus conhecimentos empíricos, advindos de suas experiências como militar na fronteira meridional e como funcionário da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, quanto os adquiridos a partir de leituras, mormente acerca da formação militar na região platina. Além da abordagem dos traços físicos da bacia hidrográfica estudada, ele também

¹² MONTENEGRO, José Arthur. *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul.* Rio Grande: Livraria Americana, 1895.

descrevia os regimes de chuvas e enfatizava as potencialidades de exploração econômica e estratégica na região fronteiriça. Também apresentava os motivos da extinção de um curso de água e citava as localizações e altitudes de algumas das localidades gaúchas. A escritura do livro obedecia a três estudos de caso acerca da "Bacia do Ibicuí", do "Arroio Taim" e das "Coordenadas geográficas e altitudes", dos quais serão transcritos a seguir alguns fragmentos.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O RIO IBICUÍ

As cabeceiras do Rio Ibicuí¹³ demoram nas vertentes ocidentais da Serra de S. Martinho, donde desce a principal vertente com a denominação de Ibicuí-Mirim; corre, entre os paralelos 29° e 30° de latitude sul na direção geral de S.O. até a barra do Rio Toropi e daí em diante na de O. até a sua confluência na margem esquerda do Uruguai¹⁴.

Na longa extensão do sinuoso curso de cerca de 450 quilômetros, recebe as águas de muitos rios importantes e de um sem número de arroios e pequenos córregos que desembocam por uma outra margem, avolumando a enorme massa líquida que despeja no Uruguai.

¹³ Rio das areias, na língua geral

¹⁴ A confluência do Ibicuí está a 27m acima do nível das águas do Quaraí.

NOTAS PARA A CARTA GEOGRAPHICA RIO GRANDE DO SUL POR J. ARTHUR MONTENEGRO NATURAL DO ESTADO DO CEARÁ Membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do Instituto Geographico e Archeologico de Pernambuco, da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, da Sociedade de Geographia de Lisboa RIO GRANDE - 1895 OFFICINAS A VAPOR DA LIVRARIA AMERICANA CARLOS PINTO & C. SUCCESSORES

Dentre seus 25 afluentes os principais são: pela margem direita, o Toropi, Jaguari, Inhacondá, Taquari, Itu e Jacuí, e pela esquerda o Santa Maria¹⁵, Itapevi, Jacaguá, Lageado, S. João, Ibirapuitã, Itapororó e Ibirocaizinho.

A bacia hidrográfica do Ibicuí compreende uma área de 44.000 quilômetros quadrados¹6 e, supondo que sobre tão extensa zona anualmente cai a mesma quantidade de chuva que sobre a cidade da Cachoeira, cuja média foi de 1,025 nos anos de 1890 e 1891¹7, o seu poder hidrográfico normal seria de 41.100 milhões de metros cúbicos.

Essa quantidade, contudo, deve ser de muito excedida, tendo em vista as condições peculiares à região, a configuração topográfica do extenso vale e sobretudo um curioso fenômeno ali constantemente observado.

É muito comum nessa zona o desaguamento de trombas que rebentam de encontro à linha de cumeadas que forma o vale do Ibicuí e na dos seus tributários, causando as constantes e inesperadas enchentes que se observam mesmo nos meses de maior seca. Muitas vezes pequenos arroios ficam transformados em enormes caudais, elevando em algumas horas o nível das águas a 8 e 10 metros, permitindo em muitos casos navegar-se por sobre as matas que lhe acompanham o curso, que ficam inteiramente submersas.

É esta a causa da instabilidade do regime das águas dessa grande bacia.

¹⁵ Também conhecido com o nome de Ibicuí-Grande.

¹⁶ Medida pelo sistema Simpson sobre a *Carta geográfica do Rio Grande do Sul* de Cândido Jacques – 1891.

¹⁷ Azambuja. *Anuário do Rio Grande do Sul*.

Não está suficientemente estudada a causa que produz com tanta frequência o desaguamento das trombas nesse e no contíguo vale do Quaraí, mas, examinando-se atentamente o mapa, vê-se que a própria disposição física do território compreendido entre 55° e 67° de longitude e a cadeia orográfica dos dois vales favorece a localização do fenômeno, que é quase desconhecido nas bacias orientais do Estado.

Com efeito, aquém do vasto depósito sedimentário do Uruguai, Paraná e Paraguai, que forma o solo das províncias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, enorme planície ligeiramente ondulada¹⁸ de 156.605 quilômetros quadrados¹⁹, nenhuma serrania encontra-se nos rumos de N.O., N. e N.E., além da linha formada pelas serras de Santana, Caverá, Serrilhada, Pau Fincado, S. Martinho, S. Xavier e S. Thiago, que descreve alongada curva para o norte, servindo de corda no arco do Rio Uruguai.

A disposição particular desta cadeia, deixa compreender que as trombas, formando-se no estuário do Prata, vêm tocadas pelos ventos do sul até esse ponto elevado e, aí rebentando, ocasionam as cheias observada quase periodicamente ora em um ora em outro rio das duas bacias.

Tratando de um destes fenômenos, diz uma das glórias da engenharia brasileira:

¹⁸ "La surfasse de cette province est légerement ondulée par um vaste rêseau de colines, elavations et arêtes élévees. – F. Latzina. *Giographie Argentine*.

¹⁹ 75.457 quilômetros quadrados de Entre-Rios e 31.148 de Corrientes.

"Atribuo esta enchente prodigiosa, localizada nesse vale e no Jacaré, que lhe é contíguo, ao desaguamento de uma tromba nas cabeceiras dos dois ribeirões; o fenômeno teve lugar durante a noite, sem testemunhas, no vale do Três Divisas, mas os operários do empreiteiro, arranchados junto ao Jacaré, observaram à luz dos relâmpagos que o rio saía subitamente do seu leito e rolava em grandes ondas pelo campo, dando-lhes tempo apenas de fugir para as coxilhas próximas.

Devido à persistência desse fenômeno, que exerce ação tão vária no grande número de afluentes do Ibicuí, o regime deste é muito inconstante, pois é comum darem-se enchentes parciais em um ou dois tributários, enquanto os outros conservam o nível ordinário; outras vezes, enchentes próprias fazem represar as águas dos afluentes e mesmo estabelecer neles contracorrentes muito pronunciadas, como mais de uma vez temos observado.

Em uma ocasião em que o Cacequi encheu sem que o Três Divisas, seu tributário, tomasse água, observou-se um refluxo muito violento, tanto que, quando as águas retiraram-se, os empreiteiros foram apanhar os pranchões, tabuados dos andaimes, carrinhos de mão, etc., rio acima, a uma grande distância da linha.

A diferença do nível das águas observada em alguns pontos, entre a estiagem, novembro a fevereiro, e as maiores cheias, foi de 16.m."²⁰

²⁰ Dr. Airosa Galvão, *Relatório da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana.*

A bacia do Ibicuí está encravada no grande vale do Uruguai e o seu característico mais notável é ser uma vasta planície suavemente inclinada para o oeste, desde a crista da cordilheira geral, e seus contrafortes até a margem daquele rio, deixando perceber, no dispositivo do território e na natureza do solo, ter sido cavada em extenso chapadão pelas águas pluviais, cuja ação erosiva em alguns milhares de anos deslocou a massa imensa que unia no mesmo nível as serranias que hoje, separadas, forma em alongada curva os seus limites naturais desde a extremidade da serra do Caverá até as coxilhas do Rincão da Cruz.

A Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, correndo paralela à margem esquerda em distância de 15 a 50 quilômetros, permitiu em seus estudos e durante a execução das obras de arte acentuar-se de um modo geral a natureza geológica da extensa zona atravessada por esse rio, cujo nome indígena com propriedade a define.

É formada, geralmente, por um terreno arenoso, inconsistente e muito permeável, tanto que as fundações das pontes de quase todos os afluentes desceram a uma profundidade que varia de 8 a 14 metros, onde foi encontrada a camada de grés que, com mais ou menos profundidade, parece estender-se por todo o vale, tornando bem patente a sua formação pliocena.

As enchentes, revolvendo e afofando as areias do leito até uma grande profundidade, deixam verdadeiros tremedais nos trechos onde o grés não se mostra à superfície, como se tem observado em quase todos os afluentes da margem esquerda, a ponto de ser necessário fazer passar uma ponta de gado para comprimir o terreno nos passos conhecidos. O esquecimento dessa

precaução tem ocasionado inúmeros desastres e muitas vítimas têm sido sacrificadas nos vaus transformados em sorvedouros²¹.

Tratando desse rio, diz um distinto engenheiro:

"Além do excessivo alagamento a que estão sujeitas as suas margens, nas grandes enchentes, do mau terreno que ali se encontra para fundações, apresenta ainda, pode dizer-se, um caprichoso regime de águas, em virtude do qual a posição do canal varia de uma a outra margem, como tive ocasião de observar pessoalmente e é comprovado não só pelos moradores das margens como pelos empregados da alfândega de Uruguaiana encarregados da polícia dos rios."²²

O curso desse grande rio é bordado em toda a sua extensão por belíssima e alterosa mata, onde se encontra toda a sorte de madeiras de construção e marcenaria: o vale é feraz e um dos lugares mais apropriados ao

²¹ Em 12 de dezembro de 1866, no passo do Catarina (Ibicuí), foi vítima de um desses desastres o coronel Manoel Pereira Vargas, quando seguia para S. Borja com uma brigada de cavalaria para reunir-se ao 2º corpo do exército. Esse valente oficial defendera com heroísmo a cidade de Jaguarão, em janeiro do 1865, quando atacada pelas hordas de Muñoz e Aparício.

Entre outras pessoas assim vitimadas, citarei ainda o auxiliar da construção da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, Fernando Magalhães, morto no Rio Inhanduí, afluente do Ibirapuitã, na manhã de 16 de janeiro de 1892. Ao chegar ao passo, acompanhado do camarada, esse moço avistou nitidamente o fundo do leito através das águas, cuja corrente já era moderada: atirou o cavalo para transpor o vau, mas o animal, afundando-se rapidamente, arrastou consigo o cavaleiro, perecendo ambos.

²² Dr. Raimundo de S. Raposo, *Ferrovia de Quaraí a Itaqui*, 1883.

desenvolvimento da agricultura, infelizmente quase desconhecidas em todo o sul do Estado²³.

Abundam em suas margens ricos depósitos metalíferos, nomeadamente o cobre, cujas extensas jazidas foram descobertas no princípio deste século, continuando, porém, até hoje inexploradas, apesar de mostrarem-se à superfície do solo consideráveis veios do precioso metal.

A cerca de 8 quilômetros da foz do Uruguai, está lançada pela Brazil Great Southern Raiway uma das maiores pontes metálicas da União²⁴.

Não sendo giratória, essa ponte irá embaraçar seriamente a navegação, que forçosamente terá de desenvolver-se nessa bacia em futuro mais ou menos próximo.

O Ibicuí, que forma naturalmente com o seu contravertente Jacuí o limite entre a zona pastoril do sul e a agrícola do norte, é navegável atualmente, de maio a outubro, e conjuntamente a maioria de seus tributários, até a confluência do Toropi, onde começa a seção encachoeirada, cerca de 320 quilômetros acima da foz.

²³ Fazem exceção mui notável

²⁴ Esta grande ponte, com os viadutos respectivos, mede 1.180 m. sobre encontros de alvenaria e pilares de ferro, elevando-se 12 m. acima do nível das águas médias.

Assim a grande bacia do Ibicuí, que conta 5 cidades importantes encravadas em seu vale²⁵, pode apresentar uma seção navegável de perto de 2.000 quilômetros mediante trabalhos relativamente diminutos.

Está verificado pela prática que a totalidade dos casos de obstrução do leito são motivados pelos depósitos de areia detidos pelas árvores arrancadas das margens pela erosão das águas das enchentes; algumas itaipavas nas proximidades das serranias, um ou outro lajedo de grés vermelho de fácil desagregação formam os únicos obstáculos que na estiagem impedem a franca navegação de barcos apropriados.

Sendo difícil no estado atual a navegação, durante a estiagem que se prolonga de novembro a fevereiro, poderá ser empregado, com extraordinária vantagem para o futuro econômico do Estado, o sistema de barragens automóveis do ilustrado e infatigável engenheiro Costa Gama²⁶, com o qual tornar-se-ia o tráfego permanente, abrindo-se assim mais uma utilíssima via comercial estratégica de incontestável importância²⁷.

²⁵ Santana do Livramento, D. Pedrito, Rosário, Alegrete e Uruguaiana.

²⁶ Este melhoramento inventado pelo notável brasileiro vai ser aplicado ao rio Caí e o futuro dirá aos partidários das estradas de ferro quanto vale um canal de navegação permanente, em relação ao capital empregado, custeio, fretes e segurança.

²⁷ O nosso espírito de imitação pelas coisas estrangeiras leva-nos a excessos de todo o gênero muitas vezes irrisórios. Só não limitamos o que há de útil e pode com facilidade adaptar-se facilmente às nossas circunstâncias para o progresso real do país. Somos os mais fieis copiadores das coisas americanas, e, no entanto, nos Estados Unidos onde a navegação só tem lugar durante 7 meses do ano em consequência do inverno, é constante o empenho do governo federal e dos estados no aproveitamento dos cursos de água para a navegação. No estado de New York, por exemplo, em que existem trafegados numerosos caminhos de ferro e apesar do

Se considerações de ordem econômica exigem dos poderes públicos a abertura dessa grande artéria como penhor ao desenvolvimento da riqueza nacional, a integridade da nossa extensíssima fronteira exige imperiosamente, como suprema solução ao problema, a navegabilidade desses grandes rios admiravelmente dispostos para a defesa do território. E só o sistema de barragens automóveis poderá corrigir os defeitos da natureza especial da região e nos dar 2.000 quilômetros de canais que se cruzam em todas as direções, permitindo que a ação naval seja levada rapidamente a qualquer ponto da extensa bacia em auxílio do exército²⁸.

Em todas as campanhas travadas no território rio-grandense, quer com o estrangeiro, quer desgraçadamente entre seus filhos, o teatro da guerra tem sido na bacia do Ibicuí, ou pelo menos tem sido aí onde mais demoram as operações; e a falta de meios rápidos de transporte é causa da procrastinação da luta e não poucas vezes de derrotas sensíveis que enlutam a alma nacional²⁹.

baixo preço de suas tarifas, que regulam 30 réis por tonelada-quilômetro, estão abertos à navegação cerca de 2.000 quilômetros de canais, sem contar os lagos e pequenos rios constantemente melhorados.

Porque não os imitamos nesse ponto?

²⁸ Sendo invisíveis os "aparelhos" automáticos das barragens que assentam no fundo do leito, não há perigo de serem destruídos pelo inimigo senão com penosos trabalhos de minas e escafandros, o que sempre será custoso e demorado, podendo ser evitado pelos avisos fluviais empregados na polícia dos canais, pelos postos militares, sinais semafóricos, pombos-correios, etc.

²⁹ Nas margens de um rio dessa bacia, no Santa Maria, as armas brasileiras sofreram o seu mais funesto revés e Ituzaingó será sempre uma página negra nos anais militares do Brasil. Ainda nas margens de um rio dessa bacia, no próprio Ibicuí, podia ser destruída a coluna paraguaia do tenente-coronel Antônio Estigarribia, salvando-se a cidade de Uruguaiana das terríveis

Essa dupla consideração comercial e estratégica vem demonstrar a necessidade de localizarem-se ali todos os meios de defesa de que se possa lançar mão em uma campanha e não é no momento supremo da luta, quando as horas valem milhões, que se poderá realizar trabalhos que exigem anos para ultimar-se.

Considerando-se a qualidade da cavalaria dos povos da América do Sul, a natureza do terreno em que é chamada a operar e a índole audaz dos filhos dos pampas, vê-se que as estradas de ferro pouco auxílio poderão prestar numa campanha travada nessas regiões, porque serão facilmente destruídas por qualquer destacamento, como nos dá frisantes exemplos a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, a campanha franco-alemã de 1870 e a nossa própria guerra civil de 1892 a 1895.

Um canal, porém, não se destrói por meio de um simples destacamento de cavalaria; será necessário um corpo de tropas mais considerável, manobrando as três armas e o seu movimento não poderá passar desapercebido, permitindo sempre tomar-se precauções e neutralizar mesmo a sua ação com o rapidíssimo elemento naval.

As operações da esquadra brasileira no Rio Paraguai, e particularmente as do Rio Manduvirá, realizadas pela flotilha do capitão de mar e guerra Jeronimo Gonçalves, mostram que não há artifício que possa embaraçar o movimento de navios bem comandados, ainda mesmo que o inimigo domine completamente

privações por que passou, se um navio qualquer pudesse sulcar canhões nos passo Santa Maria no dia 23 de julho de 1865.

as margens e disponha de numeroso corpo de tropas. E estão na memória de todos as consequências da audaciosa intervenção do pequeno vapor *Uruguai*, sob o comando do 1º tenente de artilharia Floriano Peixoto, em julho e agosto de 1865, operando no Rio Uruguai, entre as colunas de Estigarribia e Duarte, cortando as comunicações entre as duas margens, metendo a pique as canoas, afrontando impunemente a grossa artilharia inimiga e concorrendo poderosamente para o seu completo aniquilamento em Iataí e Uruguaiana³⁰.

Fechamos este ligeiro reparo transcrevendo o trecho relativo ao caráter estratégico do Rio Ibicuí, do luminoso parecer da comissão de engenheiros que, em outubro de 1865, estudou as operações militares realizadas pelo general David Canabarro ante a invasão do exército paraguaio.

"Dividida naturalmente para a defensiva é a zona ocidental da província do Rio Grande do Sul. As bacias hidrográficas dessa região, dando para escoamento das águas três grandes rios, o Uruguai e seus dois afluentes, o Ibicuí e o Quaraí, indicam, protegendo, as situações em que a garantia do território deve ser eficazmente disputada. Esses três consideráveis cursos de água, correndo de norte a sul, o Uruguai estabelecendo o limite do Brasil com a República Argentina nessa parte do seu desenvolvimento; outro o Ibicuí, desaguando no Uruguai, seguindo a direção de E. para O., na metade aproximada do desenvolvimento da fronteira ocidental da província; e, finalmente, o Quaraí,

³⁰ Não nos podemos furtar ao desejo de incluir nestas *Notas* as considerações comerciais e estratégicas que expendemos, porque as julgamos intimamente ligadas aos diversos problemas que temos de resolver no vale do Ibicuí, em consequência da situação geográfica dessa bacia em relação aos países limítrofes.

rio divisório entre o nosso território e o Estado Oriental, desenham dois grandes distritos militares da província, tendo por linha de divisão o rio Ibicuí e dele estendendo-se para o norte e para o sul até as suas fronteiras respectivas.

Se por uma invasão do território da província pelo lado do Uruguai for um destes distritos militares ocupado pelo inimigo, *a posse do outro depende toda da passagem do Rio Ibicuí, que determina o limite entre eles*. É no malogro dessa operação que se baseia, seja a destruição do exército invasor, seja a ocupação da parte tão somente da zona da fronteira por esse lado.

O Rio Ibicuí, sendo, portanto, a chave da província, nessas condições invadida, é para ele que toda a atenção deverá ser volvida³¹.

Conquanto seja perfeitamente conhecido todo o vale do Ibicuí, poucas vezes tem sido explorado o curso dos seus rios principais, resumindo-se o que se há feito nesse sentido em tentativas isoladas, sem plano preconcebido cujos resultados têm sido negativos.

Em 1870, o cidadão Antônio Pinto de Almeida fez construir um iate no porto do Rosário, aproveitando as magníficas madeiras de lei que abundantemente se encontram nas margens do Santa Maria, e com esse barco fez muitas viagens entre esse ponto Uruguaiana, Itaqui e S. Borja, colhendo resultados bem compensadores à sua patriótica iniciativa.

³¹ Relatório da Comissão de Engenheiros sobre a passagem do Rio Ibicuí pelo exército paraguaio nos passos de Santa Maria e Pontão do Ibirocai – 1865.

Em 1878, o 1º tenente da armada José Pinto Dias subiu com o vapor *Alegrete* desde Uruguaiana até D. Pedrito, pelos rios Uruguai, Ibicuí e Santa Maria, percorrendo 422 quilômetros, sendo 46 no primeiro, 204 no segundo e 172 no último³², ficando mais esta tentativa esterilizada pela indiferença com que o governo acolheu a exploração, que veio provar a possibilidade de navegar esses rios mesmo sem as indispensáveis obras de retificação nos canais.

Quando há bem poucos anos o Rio Ibirapuitã não estava tão atravancado como atualmente, muitos particulares estabeleceram comunicações regulares entre Alegrete e Montevidéu e outras praças, mas, obstruindo-se o rio pouco a pouco, aumentando por isso as dificuldades da navegação, foi também abandonado esse meio de transporte.

Em princípios de 1893, o cidadão Carlos Antonini, empreiteiro das obras da 4ª seção da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, adquiriu 2 vapores e 4 chatas de ferro no porto de Buenos Aires e com esse material subiu o Rio Uruguai, transpôs em grande dificuldade o Salto Chico³³, e penetrou no Ibicuí³⁴, e facilmente chegou a Santa Maria, sede de seus trabalhos. Limpou aí grande extensão do leito desse rio, do Cacequi, do Saican e do Ibicuí, e iniciou a navegação na parte melhorada com grande vantagem econômica para as obras a seu cargo.

³² Distâncias achadas com o curvímetro na *Carta geográfica* de Cândido Jacques.

³³ Este salto fica a 186 quilômetros abaixo da foz do Quaraí e 232 do Ibicuí.

³⁴ O mais sério embaraço encontrado nessa viagem foi a passagem dos vapores por baixo da ponte da Estrada de Ferro de Quaraí a Itaqui, que obstrui a entrada do Ibicuí. Tornou-se necessário desmontar a mastreação e chaminé dos navios.

Esse material flutuante, ali colocado pela iniciativa de um particular empreendedor, muito tem servido e posteriormente auxiliado o movimento das tropas na recente revolução que tanto infelicitou o Estado.

Não será esse fato bastante para clamar a atenção dos poderes públicos para a inadiável conveniência de limpar-se o curso desses rios, que, tanto na paz como na guerra, podem prestar tão assinalados serviços?

Em princípios de 1894, apesar dos perigos que oferecia o estado anormal da campanha, os Srs. Barbará & Irmãos, negociantes de Uruguaiana, estabeleceram uma carreira regular de vapores entre essa praça e Cacequi, pondo até onde se acha trafegada a Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, empregando, além dos vapores, algumas chatas no transporte de mercadorias, com grande vantagem para o comércio do sul do Estado.

Graças à iniciativa do cidadão Carlos Antonini, a navegação está se desenvolvendo, pois, além dessa linha de vapores, muitos barcos de vela navegam atualmente nos Rio Jaguari e Toropi, conduzindo os produtos das colônias do mesmo nome, que muito têm aproveitado os benefícios dessa linha de comunicação.

Melhoradas convenientemente as condições de navegabilidade desses rios, incalculáveis benefícios advirão ao futuro desta terra, já infelicitada por tantos males e exposta a tantos perigos; trará concurso eficaz ao desenvolvimento da colonização e consequentemente da agricultura, que

forçosamente terá de desenvolver-se após a terminação da guerra civil, se os poderes públicos compenetrarem-se da santidade da missão ante os mais caros interesses da pátria.

#########

ARROIO TAIM

Ainda figura nas cartas geográficas modernas³⁵ este pequeno curso de água que desapareceu há cerca de 17 anos.

Representando papel importante no regime das águas das Lagoas Caiuvá e Flores, como canal de descarga, merece que se recordem em seus detalhes as causas que o fizeram desaparecer e que tanto têm prejudicado os campos de criação marginais.

Em 14 de novembro de 1878, uma chuva torrencial, verdadeira avalanche, desabou sobre o distrito do Taim, no município do Rio Grande; as águas das Lagoas Flores e Caiuvá cresceram de maneira descomunal, atingindo em poucas horas a 4 metros acima do nível ordinário, ligando-as em alguns pontos com a Mirim e cobrindo quase todo o terreno elevado que as divide.

Algumas famílias moradoras das proximidades foram vítimas da inundação, entre elas a do cidadão José Fernandes Cardoso, composta de esposa e 8 filhos menores, que foi colhida pelas águas e desapareceu na voragem.

³⁵ Cândido Jacques, *Carta geográfica do Rio Grande do Sul*, 1891.

Grande quantidade de gado vacum, cavalar e lanígero foi arrastada pelo turbilhão, que rolava campo a fora com medonha violência, destruindo, arrancando, arrasando tudo que se encontrava em sua passagem devastadora.

Cessando a chuva na madrugada de 15, violento S.O. começou a represar as águas das lagoas, cujo nível no entanto baixou rapidamente sob a ação combinada do sol e do vento; no dia 18 grande quantidade de areia, vasa e troncos de árvores, arrastados pela corrente, já obstruía a entrada do escoadouro que dava origem ao arroio propriamente dito, que desde esse dia não foi mais alimentado pelos dois lagos.

A ação dos ventos sobre os vastos areais que cobrem grande parte daquela região obstruiu totalmente o leito do arroio em pouco menos de 8 anos e hoje as próprias árvores que cresciam ao longo do antigo curso estão cobertas pelos cômoros ali formados, alguns dos quais atingem a 16 metros de altura.

Na península limitada a O. pela Lagoa Mirim e a E. pelo oceano, comumente chamada Albardão, existe o Lago da Mangueira³⁶, medindo 120 quilômetros de comprimento (N. S.) sobre 19 na sua maior largura.

Ao N. E. fica situada a Lagoa das Flores, separada daquele lago pelo terreno elevado e arenoso que tem a designação local de Medanos da Mangueira, por onde correm os limites do município do Rio Grande com o de Santa Vitória do Palmar. Três quilômetros mais ao norte da Lagoa das Flores

³⁶ Os espanhóis davam-lhe o nome de Saquarembó.

estende-se a Lagoa Caiuvá³⁷, ligada à primeira por um canal que denominam Sangradouro do Flores.

O Arroio Taim tinha a sua origem na margem ocidental da Lagoa das Flores; corria na direção de E. para O. e com um percurso de 6 quilômetros lançava-se na Lagoa Mirim aos 32° 32′ 0″ de latitude austral e a 9° 28′ 9″ de longitude³⁸, formando assim um canal de ligação entre os dois lagos.

Na estiagem, a profundida era de 0, m80 nos passos e de 1, m50 a 2 m. no resto do curso, ao longo do qual se erguiam barrancas de 2 m. de altura, sustentadas pelo entrelaçamento das raízes do arvoredo baixo e raquítico que crescia nas margens, favorecido pela umidade 39 .

Durante a época das cheias, sempre ocasionadas pelas chuvas, o nível das águas subia a 4 e 5m. e de 1 a 1, $^{\rm m50}$ nos passos, espraiando-se até fora da mata carrasquenha; nessas ocasiões o arroio dava estrada a iates que subiam cerca de 5 quilômetros além da foz.

³⁷ Segundo Ayres de Cazal, a Lagoa Caiuvá *tinha* 6 milhas de comprimento sobre 2 de largura.

³⁸ Meridiano do Rio de Janeiro.

³⁹ Em todo o sul do Estado, como característico geral da região, só há matas junto aos cursos de água ou no fundo dos vales onde geralmente se encontram banhados. Quando nas extensas planícies (de campos dobrados) além da Coxilha Grande, avista-se ao longe um cordão de arvoredo, tem-se a certeza de encontrar um rio ou arroio serpenteando entre duas coxilhas de pouca elevação, cujo cimo limita a orla do mato. Toda essa zona, batida pelos ventos impetuosos do sul, é coberta de grama que serve de alimentos exclusivo aos animais; nenhum bosque, nenhuma cultura quebra a aridez dessa imensa região, que, com as ondulações do solo (coxilhas), assemelha-se à superfície erma do oceano.

Depois do soterramento do arroio, que, como dissemos, formava o canal por onde escoava o excesso das águas das duas lagoas, os campos circunvizinhos ficaram inutilizados para a indústria pastoril, em consequência do represamento das águas, que, não encontrando saída durante a época das chuvas, alagam esses campos, onde em termos anteriores se ostentavam soberbas pastagens que tornavam o distrito um dos mais prósperos do município.

Hoje as duas lagoas estão cercadas por terrenos encharcados, formando em todo o seu perímetro uma cinta de 6 a 8 quilômetros de banhados intransitáveis e cobertos de macega⁴⁰. Desses banhados formou-se um pequeno córrego que se dirige para a Lagoa Mirim, ao qual os moradores da localidade deram o nome de Figueira Torta, devido a uma árvore dessa espécie que existe junto à sua foz. Essa pequena sanga, porém, não pode dar vazão às aguas das duas lagoas, em consequência do nível superior do seu curso em referência ao das lagoas; o seu papel restringe-se ao escoamento dos banhados que se formam a oeste dos lagos e isso mesmo durante as cheias, pois seca durante a maior parte do ano.

Outro pequeno córrego, o Aguirre, formou-se após o soterramento do Taim, dando escoamento às águas do banhado existente a oeste do Rincão do Tigre, que dista cerca de um quilômetro da Lagoa Mirim.

⁴⁰ É uma gramínea no gênero *panicum campestres*, vulgarmente conhecida pelo significativo nome de *barba de bode*, a qual, atingindo ao seu maior desenvolvimento, torna-se imprópria para alimentação dos animais, em consequência da consistência que então adquirem os seus filamentos que se tornam triangulares e as arestas muito vivas e cortantes.

Em um futuro mais ou menos próximo, desaparecerão essas lagoas, como já desapareceu o seu canal de descarga, sob a ação da enorme massa de areia que cobre toda aquela região, secundada por outro poderoso agente de dessecamento, a evaporação, que nessas baixas latitudes é auxiliada por todas as circunstâncias que tendem a promovê-la, e de maneira sensível tem modificado o aspecto físico do solo em todo o Estado⁴¹.

Não sendo aquela região coberta de arvoredo que detenha as emanações aquosas e defenda o terreno da ação absorvente dos raios solares, o fenômeno da evaporação toma tal grau de intensidade que por si seria suficiente para secar até as fontes e canais subterrâneos, se a chuva não restituísse ao solo a perdida umidade⁴².

Nessas condições o trabalho de soterramento será lento, se causas extraordinárias não vierem apressá-lo; precisará séculos talvez, mas avançará constantemente, modificando e nivelando o solo.

⁴¹ Newton atribui a esse agente do nivelamento geral, notável participação no crescimento dos sólidos do globo.

⁴² Nicolau Dreys, em 1839, já calculava em 60 polegadas cúbicas a evaporação anual das massas líquidas do Estado. De então para cá todas as circunstâncias que determinam ou favorecem esse fenômeno aumentaram progressivamente pela desnudação do solo com a extinção bárbara das matas, aumento dos terrenos por aluvião, etc.

O antigo leito do Arroio Taim serviu nos tempos coloniais de limite oriental dos Campos Neutrais, que se estendiam até o Arroio Chuí, por onde corre atualmente a linha divisória que nos separa da República do Uruguai.

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1º de outubro de 1777, estipulou que o território compreendido entre o Taim e o Chuí ficasse neutro (art. 3º) até que as cortes de Espanha e Portugal chegassem a definitivo acordo sobre os verdadeiros limites de suas possessões na América do Sul.

Em obediência a esse tratado, seguiu da vila do Rio Grande a 22 de janeiro de 1784 a comissão portuguesa encarregada da demarcação, dirigida pelo brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral, a qual, em 5 de fevereiro, encontrou-se com os comissários espanhóis onde hoje assenta a cidade de Santa Vitória do Palmar. Depois de várias conferências e explorações no terreno, foi a 11 de março estabelecido o primeiro marco espanhol na margem setentrional do Arroio Chuí e o primeiro marco português na margem austral do Arroio Taim, sendo pelas duas comissões solenemente proclamada a neutralidade do território compreendido entre os dois ribeirões, cuja área abrange a extensão de ... quilômetros quadrados de magníficos campos de criação.

Três marcos foram colocados no limite setentrional do território neutral: um na costa do oceano, outro no passo do Taim, junto à atual estrada de rodagem que liga o Rio Grande com a cidade de Santa Vitória do Palmar, precisamente no centro da linha demarcada, e o terceiro no Rincão do Tigre, nas proximidades da Lagoa Mirim.

Esta linha, correndo de E. para O., devia cortar pelo centro a Lagoa Mirim até encontrar a foz do Rio Jaguarão, cujo álveo em direção da serra de Santana e Rio Quaraí limitaria pelo sul as possessões portuguesas da capitania do Rio Grande.

Com o subterfúgio de neutralizar tão grande parte do Albardão, cujos campos desertos eram sem grande valor naquele tempo, a diplomacia espanhola desbravava terreno para obter no tratado definitivo a metade da Lagoa Mirim e, portanto, o direito de ribeirinho para a sua bandeira navegar nas águas interiores do Rio Grande do Sul.

Essa pretensão por parte da Espanha naufragou ante a tenacidade com que os portugueses defenderam o seu direito em todos os tratados que seguiram ao de Santo Ildefonso, a despeito das repetidas invasões levadas ao Rio Grande pelos vice-reis de Buenos Aires, que muitas vezes obravam por inspiração própria, mas sempre obedecendo aos manejos da metrópole. E ainda hoje vemos a diplomacia uruguaia, seguindo a antiga política da mãe-pátria, lançar mão de todos os meios para alcançar a navegação da Lagoa Mirim, obedecendo mais a intuitos estratégicos que a fins comerciais, pois é certo que a zona que pretendem beneficiar, baixa, coberta de lagoas e extensos banhados, não se presta à agricultura, nem à indústria pastoril, que foram o principal ramo da riqueza pública em seu país.

Com as dificuldades criadas pelos demarcadores espanhóis e consequente oposição dos portugueses às suas exageradas pretensões, o Tratado de Santo Ildefonso nunca teve plena execução; o de Badajós, de 6 de junho de 1801, não renovou as estipulações especiais do de 1777, nem os que se seguiram, já entre as metrópoles, já entre as colônias depois de independentes, fizeram referência à neutralidade do território situado entre o Taim e o Chuí, de forma que ao Brasil ficaram de direito pertencendo os Campos Neutrais pelo princípio do *uti possidetis*, que, como regulador da soberania territorial das nações americanas, prevaleceu no Tratado de 12 de outubro de 1851, ao fixarmos definitivamente os limites com a República Oriental do Uruguai.

Antes, porém, de alcançarmos a demarcação definitiva da nossa fronteira austral, deu-se um episódio digno de nota, que bem caracteriza os esforços empregados pelos nossos vizinhos, mesmo depois da independência, para tirar o maior partido possível da velha questão de limites.

Durante a grande crise financeira provocada pelas convulsões intestinas do Estado Oriental, que chegou ao seu auge em 1845, o governo uruguaio propôs ao Brasil a cessão dos Campos Neutrais pela soma de *um milhão e quatrocentos mil pesos*, sendo, felizmente, rejeitada semelhante proposta e o território reivindicado pelo Tratado de 12 de Outubro de 1851.

Hoje só existe o marco do Rincão do Tigre caído ao lado do pedestal, mas, felizmente, em perfeito estado de conservação.

É um belíssimo bloco de granito, admiravelmente lavrado, com 2,^{m24} de altura, 0,^{m28} de espessura e 0,^{m48} de largura, pesando 652 quilogramas⁴³. O

⁴³ Dando o peso médio de 2.500 Kg. Para o metro cúbico.

pedestal, também de granito, ainda está assente no mesmo lugar onde o colocou a comissão demarcadora de limites: forma um prisma retangular de 0,^{m89} por face superior, onde se encaixa o pino inferior do marco.

Na face voltada para o sul, lê-se a seguinte inscrição:

TERRENO NEUTRO ATÉ CHUÍ

Na face oposta lê-se:

R F ANO 1784

Os caracteres são cavados na pedra⁴⁴.

O marco do centro da linha, isto é, o que foi plantado no passo do Taim, desapareceu coberto pelos enormes cômoros de areia que se estendem pelas circunvizinhanças do extinto arroio, sendo dificílimo retirá-lo e mesmo impossível saber o lugar onde precisamente se acha, em consequência das variadas mudanças que se têm operado no relevo do solo pelas areias que se movem segundo a direção e intensidade dos ventos.

⁴⁴ Deixo de apresentar o desenho, pois se extraviou o que obtive.

Segundo informações de antigo morador do Taim, esse marco era de maiores proporções e diferente dos que foram colocados nos extremos da linha, tendo na face voltada para o setentrião extensa inscrição em latim encimada pelo escudo das armas portuguesas e seguida das iniciais R. F. (*Rex Fidelissimus*).

O marco da costa do oceano foi há muitos anos retirado, quebrado a malho e a sua matéria empregada na construção da casa de um rico estancieiro do distrito.

A mesma sorte teria o do Rincão do Tigre, se dificuldades de ocasião para o seu transporte através de campos alagados não o protegessem de tão selvagem profanação⁴⁵.

Não nos foi possível encontrar nos documentos consultados a posição geográfica em que foram plantados esses marcos: apenas o visconde de S. Leopoldo em seus *Anais* dá ligeira notícia dos trabalhos da comissão demarcadora de limites de 1784⁴⁶.

⁴⁵ O autor está autorizado pelo ilustrado intendente do município, coronel Augusto Álvaro de Carvalho, a remover para o museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro essa preciosidade, o que realizará logo que a estação permita e as estradas deem fácil trânsito. Duas tentativas para conduzir o marco para o porto do Rio Grande infelizmente não deram resultado, em consequência de não encontrar no Taim um veículo com a solidez necessária a suportar o peso de cerca de 700 quilogramas.

⁴⁶ Até o momento em que este trabalho é entregue ao prelo, não foi possível consultar o *Diário* da comissão de limites a cargo do brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral, ignorando mesmo se tal *Diário* foi publicado.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outro campo em que J. Arhur Montenegro gravitou foi a literatura, com a organização de uma edição especial do "poema épico" de José Basílio da Gama intitulado *O Uruguai*²⁷. O livro foi editado em 1900, pela Livraria Universal de Pelotas e financiado pela Biblioteca Pública Pelotense, para demarcar as comemorações do 4º centenário do descobrimento do Brasil. Sua feitura gráfica, com dimensões de 21,5 X 15,5 cm., apresentava certo luxo. À folha de rosto, o organizador dedicava a obra aos dirigentes da instituição patrocinadora, demarcando que a eles devia o Rio Grande do Sul a publicação daquele poema, o qual constituiria o papel de um serviço prestado à causa pública e à urbe em que se localizava a entidade cultural. Segundo Montenegro, as futuras gerações rio-

Enquanto se imprimiam as primeiras as páginas deste opúsculo, descobri dois documentos de alta importância no *Catálogo da Exposição de História* da Biblioteca Nacional.

O primeiro é um ofício do vice-rei Luiz de Vasconcelos, de 5 de maio de 1786, dando conta a Martinho de Melo Castro da demarcação dos limites de 1784, tendo anexos os *Diários* das respectivas comissões (Códice DVX); o segundo é a *Representação dos marcos que se colocaram na linha divisória desse a embocadura do Taim até o mar*, que se acha junto ao tomo VI da *Correspondência com o governador do continente do Rio Grande do Sul* (doc.10495 do Cat.).

Ao meu prestimoso e dedicado amigo, o Exmo. Sr. marechal visconde Maracaju, pedi para examinar nesses documentos a posição astronômica em que foram plantados os marcos e copiar a longa inscrição que deve existir no que ficou colocado no centro da linha-limite, hoje desaparecido; mas, segundo me comunica esse amigo em sua carta de 20 de outubro de 1895, o diretor da Biblioteca Nacional declarou impossível o exame – "por considerar o governo reservados esses documentos, que estão confiados a uma comissão."

⁴⁷ GAMA, José Basílio da. *O Uruguai – poema épico*, com anotações de J. Arthur Montenegro. Pelotas, Echenique Irmãos & Cia. – Editores, 1900.

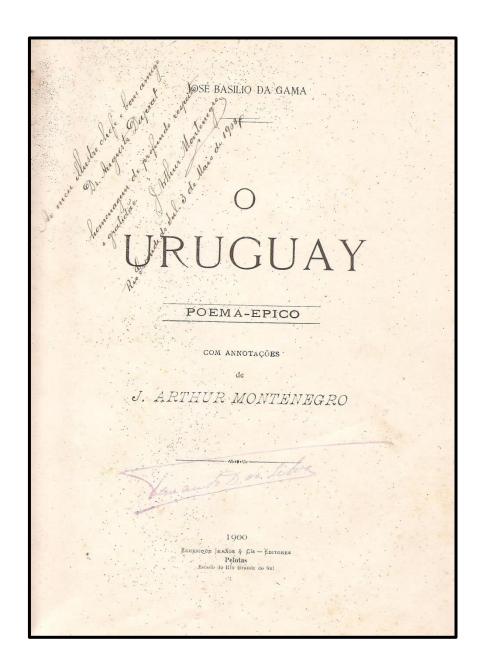
grandenses, os literatos e os estudiosos das idades vindouras saberiam aquilatar o valor moral e o alcance histórico da comemoração em pauta.

Desde a primeira nota, o organizador explicava as razões para a utilização do termo *Uruguai* e não o mais usual *Uraguai*. A abertura do livro se dava na forma de uma apresentação da lavra de Montenegro. Em tal escrito, logo no início ele trazia uma espécie de contextualização, mas, depois, retornava à narrativa calcada na sua preferência, a História Militar. Arthur Montenegro manifestou certo cuidado com a citação de referenciais bibliográficos, bem como utilizou anotações explicativas e complementares. Ao tratar da Guerra Guaranítica, demonstrou um anticlericalismo manifesto através do anti-jesuitismo, chamando os jesuítas, ironicamente, de "santos padres", optando pela versão de uma propalada pureza dos índios, denominados de "pobres indígenas".

Dando prosseguimento ao texto de abertura, após situar o leitor no momento histórico, o organizador passava a tratar de dados biográficos de Basílio da Gama, fazendo breve incursão às suas filiações literárias. Tal descrição concentrou-se nas dificuldades que o poeta enfrentara ao longo de suas vivências. Montenegro explicitava uma perspectiva essencialmente liberal, defendendo a ideia de independência nacional em relação ao jugo metropolitano. Mais adiante o texto acabava se direcionando a constituir verdadeiro panegírico em homenagem ao escritor da época colonial, imputando-lhe atributos como fidelidade e nobreza de caráter, além de considerá-lo como incorruptível. Nesse sentido, a apresentação trazia uma

maior abordagem da figura do autor em si do que em relação à própria obra, a qual só viria a ser comentada mais amiúde ao final do texto.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$



A sanguinolenta disputa entre Portugal e Espanha pelo domínio do território que se estende para o norte desde a margem esquerda do Rio da Prata até 27º de latitude, remonta as primeiras tentativas de conquista e colonização pelos portugueses em 1680, desde quando mil vicissitudes da política colonial dos dois reinos vieram, através dos séculos, com a letra dos tratados que se sucediam sem execução possível, lançando no mapa da América Meridional os contornos da zona geográfica que hoje ocupam o Rio Grande do Sul e a República do Uruguai.

Enquanto na Europa os acontecimentos evoluíam lentamente para tal objetivo, segundo as variadas fases que determinavam os sucessos militares ou os interesses dinásticos dos dois soberanos, na América os colonos, secundado à ação diplomática, disputavam a ferro e fogo o vastíssimo e ambicionado território e à medida que iam assentando fortes e presídios, conforme lhes permitiam as eventualidades da guerra local, lançavam ao acaso os fundamentos das duas futurosas agremiações sociais que tanta influência tem tido nos destinos políticos do continente.

Momentaneamente cansados de uma luta secular, convictos de que jamais um venceria o outro de maneira a assenhorar-se pela força e definitivamente da presa cobiçada, os dois governos convieram na partilha, como penhor de mais duradoura paz: — à Espanha caberia a Colônia do Sacramento e grande parte do território uruguaio, de Castilhos grande para o oeste até a foz do Quaraí; à Portugal tocaria toda a zona para o norte dessa linha até confundir-se nos limites de Santa Catarina.

O Tratado de 16 de janeiro de 1750 determinou a demarcação da fronteira e os comissários-geógrafos puseram-se em campo para ultimar o ajuste dos governos que melhor compreenderam o interesse de suas colônias na América do Sul. Para a realização de tais intuitos, porém, não contaram os luso-espanhóis com a resistência que lhes havia de opor a poderosa Companhia de Jesus, cujos interesses seriam feridos profundamente e quiçá abalados os alicerces de seu colossal edifício se tivesse plena execução esse tratado.

O império teocrático das Missões, esse modelo de organização, de ordem e disciplina, ficaria retalhado e encravada nos domínios portugueses a sua mais rica e vasta província – que abrangia a quase totalidade do atual território riograndense. O seu poder onímodo e absoluto cessaria para sempre desde o momento em que a soberania de Portugal ali prevalecesse, porque a férrea mão de Pombal havia, pouco antes, desferido certeiro golpe contra a poderosa associação, expulsando-a do território e sequestrando-lhe as imensas riquezas que possuía por toda a parte.

Entretanto, os comissários-demarcadores estacavam aos primeiros passos ante a barreira formidável do interesse jesuítico, sendo obrigados a recuar e a desistir dos trabalhos geográficos, pela atitude ameaçadora dos indígenas que levantaram a bandeira da revolta sob a chefia dos santos padres. E os dois soberanos da Europa tiveram de confessar ao mundo que um simples decreto não tinha força bastante para derrocar a tão grande distância o poder secular dos sectários de Loyola...

Nos conselhos da coroa, nos dois reinos, foi resolvido apoiar pelas armas a execução dos decretos reais e forte expedição militar, manobrando as três armas, aprestou-se para entrar em campanha.

* * *

Eis a larguíssimos traços os antecedentes do *momento histórico* alcançado pelo poema de Basílio da Gama, período que, originando-se na fundação da Colônia do Sacramento (1680) constitui o início dos acontecimentos político-sociais que prepararam lentamente os fundamentos do atual Estado do Rio Grande do Sul, sob o ponto de vista territorial, cuja evolução, entretanto, só devia completar o seu longo ciclo cento e setenta anos depois, em 1851, com o Tratado de 12 de outubro, que fixou para sempre os nossos limites geográficos do lado meridional⁴⁸.

_

⁴⁸ Considero a fundação do Rio Grande do Sul de 19 de fevereiro de 1737, que é a data em que aqui desembarcou o brigadeiro José da Silva Paes, com o objetivo de povoar o território, muito embora seja em 1760 lhe fosse dada autonomia local, com a criação de seu governo administrativo.

É sabido que o atual território do Rio Grande do Sul não foi compreendido entre as doze capitanias em que a metrópole, reinando D. João III, subdividiu o Brasil, após o seu descobrimento, cujos limites meridionais ficavam mais ou menos ao 28° graus de latitude (altura da Laguna em Santa Catarina), segundo foi convencionado entre aquele monarca e Carlos V, na célebre escritura de Saragoça (22 de abril de 1529) que modificou a Bula de Alexandre VI (4 de maio de 1493) e o Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494). – Vid. Borges de Castro. – *Coleção de tratados portugueses* – Lisboa, 1856.

Entretanto, foram os jesuítas os que primeiro fundaram povoações dentro dos atuais limites do Estado: - S. Nicolau, em 1627; S. Miguel e S. Luís, em 1632; S. Borja, em 1690; S. Lourenço, em 1691;

* * *

A Gomes Freire de Andrade, governador das capitanias do sul do Brasil, e a D. José Andonaegue, governador de Buenos Aires, cometeram os governos de Portugal e da Espanha o encargo de obrigar os jesuítas a entregar o território das Missões e a execução da demarcação de limites que devia ser feita sob a proteção dos dois exércitos.

Com extrema lentidão e vencendo obstáculos de todo gênero organizaram-se enfim os contingentes aliados: — o português no local onde hoje assenta-se a cidade do Rio Grande, e o espanhol nas proximidades de Maldonado; e depois de várias conferências entre os dois chefes ficou assentado o plano das operações.

– Gomes Freire, mais empreendedor e arrojado, atirou-se à campanha em pleno inverno (julho de 1754), marchando do Rio Pardo em direção a Santo Ângelo, nas Missões, certo de que os espanhóis, transpondo o Ibicuí no passo de Santa Maria, atacariam os sublevados pelo povo de S. Borja, conforme se ajustara, para meter o inimigo entre dois fogos, isolando-o ao mesmo tempo dos povos de além-Uruguai.

S. João Batista, em 1698; e Santo Ângelo, em 1707, que faziam parte do seu imenso império americano, de que hoje só restam imponentes ruínas.

– Andonaegue, porém, em vez de avançar pela margem ocidental do Rio Uruguai, por onde alcançaria facilmente o seu objetivo, tendo à mão os recursos de Entre-Rios e Corrientes, dirigiu-se com extrema lentidão pelo centro do país, propositalmente escolhendo maus caminhos, para inutilizar os poucos meios de mobilidade de que dispunha, até que, fazendo alto no célebre Rincão das Galinhas⁴⁹, enviou emissários a Gomes Freire com a notícia de se achar impossibilitado de prosseguir com as operações, em consequência, dizia, da falta de víveres e mau estado da cavalhada.

No entanto, Gomes Freire, detido por extraordinária enchente do Jacuí, via-se cercado por numeroso exército indígena, ante o qual nada podia fazer, em tais circunstâncias, a sua fraca divisão.

Traído pelo aliado – que com semelhante procedimento obedecia ao manejo hábil dos jesuítas – Gomes Freire viu-se na contingência de pactuar desairoso armistício com os indígenas, no qual assegurava aos guaranis a posse do território e se obrigava a retirar as tropas para o lado do Viamão; o que

⁴⁹ Neste rincão, formado pela junção do Rio Negro com o Uruguai, feriu-se o combate de 21 de setembro de 1825, em que o general uruguaio Frutuoso Rivera alcançou completa vitória sobre dois regimentos brasileiros comandados pelos coronéis Jerônimo Gomes Jardim e José Luiz Menna Barreto. – Tivemos 120 baixas em um efetivo de 430 homens.

Menna Barreto, causa do desastre, preferiu morrer combatendo e com ele 13 oficiais. Era filho do marechal João de Deus (visconde de S. Gabriel) e irmão dos generais João Propício (barão de S. Gabriel) e João Manoel (- que morreu heroicamente no assalto de Perebebui a 12 de agosto de 1869 -) e pai do general José Luiz que muito se distinguiu na Guerra do Paraguai.

realizou em seguida, mas no firme propósito de violar o solene ajuste, com que se salvou de um desastre, logo que reunisse elementos mais poderosos⁵⁰.

Conhecidos na Europa tão desagradáveis sucessos, ordens terminantes foram expedidas pela corte de Madri, estimulando os brios de Andonaegue – que então se viu obrigado a concertar novos planos para a próxima campanha.

Tudo preparado, reunidos os dois exércitos (16 de janeiro de 1756), avançaram estes das cabeceiras do Rio Negro, em Bagé, para as Missões, onde iam agora atirar o golpe de graça no baluarte jesuítico.

Dois combates se feriram nessa campanha: um na várzea do Vacacaí e o outro nas coxilhas do Caibaté (6 e 10 de fevereiro); estes pequenos choques quebraram o encanto e desfizeram como fumo o poder material dos santos padres. Os pobres indígenas, atirados ao campo de batalha pelo mais nobre dos sentimentos humanos — o amor da pátria — chocaram-se com um corpo de exército perfeitamente armado, levando para a luta o arco, a frecha, a funda e por única artilharia — canudos de taquara retovados de couro cru!...

É que por muito tempo os jesuítas alimentavam a esperança de deter os luso-espanhóis com o prestígio de imenso poderio que conseguiram para o seu

⁵⁰ A "Convenção celebrada entre Gomes Freire de Andrade e os caciques para a suspensão das armas" é o IV documento que vem anexo à "Relação abreviada da república que os religiosos jesuítas das províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias" – (*Rev. do Inst. Hist. Brasileiro* – tom. IV, 1842 – pág. 265).

Por esta convenção ficou estabelecida uma linha partida do Rio Viamão pelo Guaíba acima até a confluência do Jacuí e deste até as nascentes do braço de S. O. (que era onde acampavam os portugueses) como limite dos dois campos: para o norte o português, para o sul os indígenas.

império, ajudados pelo mistério que rodeava aquelas solidões; oito anos antes destes sucessos, já se julgavam tão fortes que o padre F. Rodriguez, Geral da Companhia, lançava à face do mundo a apóstrofe que tanto impressionou a Europa: — *Exterorum acies non timemus. Nihil foris conturbare nos potest*⁶¹, quando viram, porém, que lhes falhava esse meio não trepidaram em sacrificar os indígenas, fazendo-os marchar contra o inimigo superior em elementos, sem armas, sem organização, sem disciplina tática, contanto que dessem tempo a salvar-se as imensas riquezas ali acumuladas!

Caibaté não foi um combate regular em que duas forças dispondo de iguais elementos disputam a vitória, como fazem crer os luso-espanhóis para realçar o seu valor guerreiro; foi tremenda carnificina em que 1.400 guaranis caíram ceifados pela metralha, enquanto a frecha e a funda só derribaram oito dos contrários...

Isso bem mostra a disparidade de elementos bélicos com que nas cabeceiras do Cacequi se disputou a posse do território rio-grandense, no último choque da civilização contra a ignorância dos pobres silvícolas⁵².

⁵¹ "Não tememos os exércitos estrangeiros; nenhuma força externa nos pode perturbar."

⁵² Para se ter ideia da "humanidade" com que os aliados fizeram essa campanha, basta dizer que em Vacacaí, fazendo a vanguarda a divisão espanhola – "determinó Andonaegue que sallisse a batirlos um destacamento de 300 hombres de las dos naciones, y habiendo-se brindado (...) para mandarlo – le fui concedida com la orden, empero de passarlo à cuchillo, - onden que siempre tuvo Andonaegue em la pauta de la lengua tratando-se de indigenas.

⁻ Vid. Francisco Bauzá: - $\it Historia$ de la dominacion Espanola em el Uruguay. - 1ª ed. tom II, pág. 65

Quebrada a resistência dos guaranis, que, aterrados pelo efeito da artilharia, fugiram em todas as direções, avançaram os aliados contra os Povos das Missões: S. Miguel, previamente incendiado pelos padres, foi o primeiro ocupado (18 de maio de 1756); em seguida um a um caíram sob o domínio português, sendo os párocos expulsos como perigosos à nova ordem de coisas.

É este o período de nossa história colonial aproveitado para a tese do poema – *O Uruguai*.

- II -

José Basílio da Gama pertence à célebre *escola mineira* que no campo das letras tanto concorreu para o advento de nossa autonomia política e da qual saíram os mais notáveis poetas do século passado – como iniciadores do lirismo e da epopeia brasileira nos tempos coloniais.

Dessa plêiade de homens notabilíssimos pelo saber e pelo patriotismo, salientaram-se Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel, Thomaz Gonzaga, Diogo de Vasconcelos, Vieira da Silva, Alves Maciel e tantos outros nobres patriotas que a história cognomina — Inconfidentes — e que os pósteros sagraram, não como fautores de uma grande revolução, mas como provocadores da mais nobre aspiração de um povo que geme sob o baraço do despotismo colonial — a independência.

Basílio da Gama, entretanto, viveu sempre afastado do teatro onde agiram mais tarde os *inconfidentes* em sua temerária empresa. Residindo na metrópole

a maior parte de sua vida, ignorando talvez a orientação política que ia pouco a pouco avassalando a escola literária a que estava ligado por tantos laços, não chegou a tomar parte naqueles soberbos festins de Vila Rica, de onde surgiu a ideia da independência nacional, cujo resultado, entretanto, foi o cadafalso para Tiradentes e o desterro para tantas vítimas ilustres: mas nem por isso diminui o valor moral de sua obra e de sua influência no conjunto do grande movimento nacional, que teve o seu marco miliário nessa infeliz conjuração, tão bárbara e cruelmente castigada pelos corifeus da metrópole.

A impressão do poema data de 1769; a *inconfidência* surge vinte anos depois, quando na ampulheta do tempo já se havia escoado um lustro que pela última vez e para sempre seguira exilado para a Europa o infeliz cantor do – *Uruguai*.

Se teve parte na conjuração propriamente dita foi toda moral, manifestada talvez nas reuniões íntimas da Arcádia Ultramarina, ainda quando as ideias não tinham tomado vulto. Como os *árcades*, que ali erguiam um culto às letras pátrias, sentia também a necessidade da autonomia política dos brasileiros; mas tudo ainda era embrionário, vago, indeciso, como soe acontecer na fase de iniciação dos grandes acontecimentos sociais. Se, pois, não concorreu, como os outros, com ação física para a *inconfidência*, que foi precursora da autonomia política, concorreu com o seu talento, com as suas obras, para autonomia literária que sempre antecede àquela.

* *

Descendente dos Gamas e Vilas-Boas, fidalgos de velha linhagem, nasceu Basílio da Gama em 22 de junho de 1740, na Vila de S. José do Rio das Mortes, hoje cidade de Tiradentes, então lugarejo notável pela imponente igreja que possui ainda hoje e por se ter antecedido em seus fundamentos apenas de dois anos à criação da capitania de Minas Gerais.

Filho do capitão-mor Manoel da Costa Vilas-Boas e de D. Quitéria Inácia da Gama⁵³, esta descendente do grande navegador Vasco da Gama, pertencendo ambos às principais famílias da capitania, viu-se, contudo, em sua infância, reduzido a pobreza, em consequência do descalabro da fortuna paterna após a morte de seu progenitor.

Os amigos da família lhe ampararam os primeiros passos, enviando-o ao Rio de Janeiro para estudar humanidades, aos cuidados do ilustre rio-grandense José Fernando Pinto Alpoim, então major de artilharia — que imediatamente fêlo entrar para o colégio dos jesuítas, o melhor organizado na colônia, no qual se manteve com brilhantismo durante quatro anos, até o momento em que os membros da Companhia de Jesus foram desnaturalizados e banidos do território português⁵⁴.

⁵³ Este casal teve outro filho – Antônio Caetano Vilas-Boas da Gama – 1738-1805 – que foi presbítero do hábito de S. Pedro, doutor em cânones, vigário da freguesia de S. João D'El Rei, insigne orador sacro e bom poeta.

⁵⁴ Foram banidos pelo alvará de 19 de janeiro de 1759; desnaturalizados pelo de 3 de setembro do mesmo ano e os seus bens incorporados à Fazenda real pelo de 25 de fevereiro de 1761.

⁻ O embarque dos jesuítas no Rio de Janeiro realizou-se a 16 de março de 1759.

Os noviços e irmãos que continuaram fieis à Ordem, juntamente com os jesuítas professos, foram embarcados em vasos de guerra e transportados para a Itália; mas Basílio da Gama e muitos outros que só tinham o grau dos primeiros, aproveitando a faculdade que concedia o governo, de auxiliar em seus estudos aos que voluntariamente se desligassem da comunidade, abandonou o hábito e entrou para o Seminário Episcopal – criado em 1739 pelo Bispo D. Antônio de Guadalupe.

Foi durante o tempo em que cursou as aulas desse Seminário que conquistou a amizade das pessoas que mais tarde lhe valeram nos dias de desgraça, de que, por um requinte de gratidão, sentimento que tanto o distinguiu, resultou o poema que o devia imortalizar na literatura brasileira.

Seu talento, comportamento exemplar e amor ao estudo lhe atraíram as simpatias de Gomes Freire de Andrade, que então governava as capitanias do sul do Brasil, do bispo D. Antônio do Desterro, e, sobretudo, do ilustre Alpoim, que se orgulhava dos progressos alcançados pelo seu protegido e recomendado.

Concluindo o curso de preparatórios, obteve da família e dos protetores licença para seguir os estudos superiores na Universidade de Coimbra; mas ali, a despeito de suas qualidades morais, de seu amor ao estudo e das recomendações que levou, sofreu crua guerra e duro abandono por ser considerado — *jesuíta* — que era então o pior qualificativo que se podia lançar sobre um indivíduo para contra ele provocar o ódio e o rancor das massas ignaras.

Sensível em extremo aos sentimentos afetivos, rendendo sincero culto à gratidão — que foi traço salientíssimo de sua vida e a cuja nobre exageração deveu dias bem amargos — deu nova orientação a seu destino o falecimento de Gomes Freire (1º de janeiro de 1763) a quem dedicava extraordinária amizade e de quem, mesmo longe, recebia decidida proteção e amparo.

Deixou Coimbra, dizem os jesuítas que arrancado por eles à miséria e ao desprezo público, o que é contestável, e em Roma foi admitido em um Seminário que em breve lhe cedeu uma de suas cátedras.

Aí gozou algum bem estar e repouso, conseguindo entrar para a Arcádia Romana (1763) que era então o maior foco de luz das letras latinas⁵⁵.

A nostalgia da pátria, porém, venceu o interesse pessoal; abandonou a vida serena que gozava na cidade pontifícia, dirigindo-se primeiro a Lisboa, onde pouco se demorou por lhe faltar meios de subsistência, e depois ao Rio de Janeiro para ainda uma vez tentar fortuna... mas a fatídica sina que o perseguia como a sombra ao corpo, lhe preparou novas desgraças no seio da pátria.

O ódio popular contra a Companhia de Jesus tocava aos paroxismos, motivado pela decidida proteção que a ela dispensava o papa Clemente XIV; como represália ao procedimento da Santa Sé, ordens terminantes existiam na

⁵⁵ Teve o apelido pastoril de Termindo Sipilio.

A Arcádia Romana, cuja existência conta três séculos, foi instituída sob a pontificação de Alexandre III, em 5 de outubro de 1690, destacando-se dentre os seus quatorze fundadores – Paulo Coard, Vicente Gravina e João Maria Crescimbeni que legislaram a carta fundamental. A Leges Arcadum da vetusta instituição encontra-se no livro de Norberto Silva, Obras poéticas de Alvarenga Peixoto. — (Rio de Janeiro, 1865, Garnier) pág. 87.

colônia para perseguir sem descanso nem tréguas aos restos dispersos da grande confraria. E Basílio da Gama, por ter vindo de Roma, onde os jesuítas dominavam a situação e apresentavam-se para a luta, foi preso ao desembarcar e, suspeito de ser emissário de seus antigos mestres, enviado a Lisboa em um vaso de guerra (janeiro de 1767).

O tribunal da Inconfidência, por mui suave sentença, ditada por simples suspeita, lhe impôs o exílio de Angola, de onde não podia sair sem licença especial do governo e para onde devia partir no prazo fatal de seis meses.

As alternativas de gozo e sofrimento, de tranquilidade e agitações, que perseguiam ao desventurado poeta, têm semelhança com as mutações da vida do nauta em suas longas travessias por entre tempestades e bonanças; assim, qual outro Ahasverus, encontrava por toda parte indiferença aos seus sofrimentos morais; nem um amigo achou para animá-lo na desventura, nem mesmo essa solidariedade tão comum entre indivíduos da mesma profissão lhe suavizou esses momentos amargurados com a perspectiva do degredo; os próprios literatos, talvez invejosos do seu talento, o cobriram de apodos, procurando ridicularizá-lo. Correa Garção, entre outros, lançou-lhe esta sátira, indigna de um coração bem formado.

É um insulto à desgraça: uma covardia sem nome.

Quem vem lá? quem nos honra: Este estudante Que das musas quer ter o magistério, Aprendeu com varões do sacro império, Porém se todo foi, veio ignorante. Examinado ele, é um pedante, Das musas portuguesas vitupério, Foi criado no cálido hemisfério Fidalgo pobre, cavaleiro andante.

Do alto monte que é aos céus vizinho Só ele o alado bruto enfreia a doma, Faz castelos no ar de cedro e pinho.

O louro, quando quer, despreza e toma:
– Arredem-se, senhores, deem caminho
Passe senhor <i>quaqui</i> , que vem de Roma ⁵⁶ .

Um acontecimento, aparentemente sem importância para o destino do poeta, veio lhe trazer inesperada reabilitação e momentânea felicidade.

– Consorciara-se D. Maria Amália, filha do conde de Oeiras – o poderoso ministro de D. José I, e esse fato que passaria despercebido em outra qualquer circunstância, tornou-se verdadeiro sucesso nacional para o povo, que viu no grande estadista o verdadeiro restaurador de Portugal.

⁵⁶ Vid. *Obras poéticas de P. A. Corrêa Garção, com uma introdução e notas por J. A. de Azevedo Castro*. (Roma, 1888) pág. 58.

A exemplo de outros condenados políticos, lembrou-se o poeta de recorrer do iníquo tribunal para a magnanimidade do poderoso ministro e, celebrando o esposório da filha em um epitalâmio, que é um primor poético, nele entrelaçava louvores aos dotes da noiva à apologia do pai: assim pediu graça a este dirigindo-se àquela⁵⁷ (quando tivesse filhos): –

Não lhes mostre na pátria a estranha terra Os antigos ilustres que passaram, Mostra-lhes o grande avô, em quem se encerra Quanto os heróis da antiguidade obraram: E basta-lhe na paz, e em dura guerra Que se lembrem um dia, que beijaram A mão, seguro arrimo da coroa; A mão, que das ruínas ergueu Lisboa.

......

Eu não verei passar teus doces anos, Alma de amor e de piedade cheia; Esperam-me os desertos africanos Áspera, inculta e monstruosa areia... Ah! tu fazes cessar os tristes danos Que eu já na tempestade escura e feia... Não divise... e me sirva de conforto

⁵⁷ Vid. Felix Ferreira *José Basílio da Gama* (Rio de Janeiro, 1895) pág. 17.

A branca mão que me conduz ao porto⁵⁸.

Pombal tinha predileção pelos brasileiros, pois lhe corria nas veias o nosso sangue, como descendente que era do famoso indígena Arco-Verde⁵⁹: comoveu-se com a desventura de quem tanto mérito lhe vibrou o afeto paterno; ouviu o poeta, agradou-se de suas pessoa, cuja tez bronzeada talvez lhe recordasse o chefe Tabajara que contava entre os seus antepassados... soube da proteção que o poeta merecera de Gomes Freire e tudo isso concorreu para que lhe fosse perdoado o exílio e em seguida nomeado oficial da secretaria dos negócios estrangeiros (25 de junho de 1767).

Dez anos gozou Basílio da Gama de verdadeira paz de espírito e conforto garantidos pela privança do poderoso ministro e com os honorários de seu cargo.

⁵⁸ Vid. *Epitalâmio de núpcias da Sra. D. Maria Amália, filha do marquês de Pombal* (Lisboa, 1769) in-49 de 10 págs.

⁵⁹ Vid. Antônio Caetano de Souza. *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa, tiradas dos instrumentos do Arquivo da Torre do Tombo, da Sereníssima Casa de Bragança, de Oeiras, Catedrais, Mosteiros e outros particulares deste Reino*. (Lisboa, Reg. Off. Silviana) 1739-1748, in-4º gr. 6 vols.

Essa obra é complemento da

História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as famílias ilustres que procedem dos Reis e dos Sereníssimos Duques de Bragança. (Lisboa Ocidental), 1735-1749, in-4° gr. 20 vols.

Foi durante esse tempo que escreveu e publicou a maior parte de suas produções, começando pelo poema *O Uruguai*, que é a sua obra prima⁶⁰ e com a qual, pagando a sua dívida de gratidão à memória de Gomes Freire, ergue um monumento às letras brasileiras, conseguindo a glória de ser o primeiro na Europa a estrear a poesia americana.

Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindóia, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros⁶¹.

Dentre as suas produções desse tempo, destaca-se também o poemeto *Quitubia*, que só foi publicado em 1791, no qual exalta os feitos do chefe africano que, em auxílio dos portugueses, bateu-se com valor contra os holandeses que haviam invadido os domínios coloniais na África; também compôs várias tragédias de muito mérito, as quais, com numerosas poesias avulsas inéditas, entregou ao padre que lhe assistiu os últimos momentos... E o ministro de Cristo em vez de cumprir a última vontade do moribundo, enviando à família o precioso legado, atirou-o às chamas de uma fogueira!...

																									•																	

⁶⁰ As obras de Basílio da Gama vêm mencionadas no *Dicionário bibliográfico brasileiro*. – Do Dr. Sacramento Blake, tom IV, pág. 330-334 e no *Dicionário bibliográfico português*. – de Inocêncio Francisco da Silva, tom. IV, pág. 268-271.

⁶¹ Vid. Almeida Garret – *Bosquejo da História da Poesia Portuguesa* – Parnasso Lusitano), Paris, Aillaud, 1826, tomo I, pág. xlviii.

A morte de D. José e a ascensão ao trono de sua filha D. Maria I, trazendo o desvalimento do marquês de Pombal e – como consequência de sua retirada dos negócios públicos – feroz reação à grande obra do invicto restaurador de Lisboa, trouxe também a Basílio da Gama novas desgraças e perigos: Pombal foi desterrado para uma quinta, e todos os seus auxiliares exonerados de seus cargos e perseguidos pelos jesuítas, que de novo alçaram o colo sob a proteção da inconsciente rainha.

A maioria dos demitidos voltou em breve a adorar o sol nascente, pois naquele tempo já havia abissínios políticos, conseguindo reabilitação completa e a posse de seus cargos, mas Basílio da Gama, conservando-se fiel ao seu protetor, ousou até afrontar a situação com coragem bem pouco comum e digna do modo porque encarou os destinos da pátria.

Não o vil interesse do ouro ou prata Não a esperança de honras, A minha voz levanta! Não da plebe De súbitas catástrofes amiga, As tumultuosas ondas me arrebatam: É só e só a glória E o amor da virtude que me inflama.

Debalde os mares túrbidos com o vento Que brama e ronca ao longe Tentam com fúria enorme a imóvel rocha Que o grosso solo da água estala e quebra Sobre o fixo cachopo alcantilado; Que vão no ar saltando Encrespa a branca espuma e caí desfeito.

Magnânimo marquês, tu com sereno
Intrépido semblante,
Encarando a fortuna, rugir ouves
Da ingratidão o monstro abominável;
Tu com plácido espírito olhas, cercado
De imposturas e afrontas,
Sátiras vis de petulantes momos.

.....

Almas eu vejo de remorso cheias, Com a mão tapando o rosto, Confusas esconderem-se aos meus versos Convosco falo, oh! vós, ao braço ingratos Tremei, tremei indignos Ouvindo a vós terrível da verdade⁶².

Ainda quando a tuba infrene arrancou o medalhão com o busto do marquês de Pombal do sopé da estátua de D. José I, a reflexão e a justiça, a voz de Basílio da Gama – única ergueu-se protestando neste soneto vibrante:

⁶² Vid. O Investigador Português, novembro, 1813.

Não temas não, marquês, que o povo injusto De teus grandes serviços esquecido, Pelos gritos da inveja enfurecido Solicite abolir teu nobre busto.

Para ser imortal, teu nome augusto Não depende do bronze derretido: Em mais firmes padrões fica insculpido Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino ornado De ciência, de indústria e de cultura, De política e comércio apropriado:

A tropa regulada, a fé segura O tesouro promovido, o mar guardado; Eis aqui do teu gênio a cópia pura⁶³.

Tão nobre atitude provocou, como é natural em épocas de conturbação social, a animosidade de muitos e o poeta, fugindo aos ódios e à intriga, partiu para o Rio de Janeiro em busca do último período de tranquilidade que gozou na vida.

Acolhido com distinção pelo vice-rei Luis de Vasconcelos — esse nobre e generoso vulto que se destaca benemérito dos tempos da tirania colonial — e pelo bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, pareceu ao infeliz peregrino achar termo à vida errante que o martirizava.

⁶³ Vid. Xavier da Veiga. *Efemérides mineiras*. tomo III, pág. 180.

Luiz de Vasconcelos venceu as prevenções da Corte de Lisboa, conseguindo que a reacionária rainha conferisse ao poeta o foro de fidalgo escudeiro da Casa Real e o grau de cavalheiro da Ordem de S. Thiago, com a tença de 780 réis diários (6 de agosto de 1786).

Era de justiça esta tardia reparação, porque ... "dualidade preciosa a todos os respeitos, José Basílio da Gama foi tão notável por ambas as faces que se não pode dizer o certo por qual delas se impõe a maior admiração: "Se como cidadão, se como poeta, pois se este foi um peregrino e privilegiado engenho que tantos e tão belos frutos produziu, e dos quais bastaria *O Uruguai* para colocá-lo entre os primeiros da nossa língua, no século, aquele foi de tal hombridade e gentileza que o seu comportamento para com o marquês de Pombal, quando ruiu por terra todo o seu grande prestígio e poderio, bastaria igualmente para ser apontado como um modelo de gratidão em todos os tempos.

Quando à superioridade da inteligência se reúne à nobreza de caráter; quando aos mais belos frutos do talento se junta os mais admiráveis exemplos de sentimento, como que se completa o homem, como que forma um só bloco de substância incorruptível da própria imagem, que vai sempre avultando aos olhos das gerações que se sucederam e cada vez tornando-se mais perfeita e assim se constituindo um objeto de adoração da família humana. Foi assim Sócrates na antiguidade, foi assim Franklin modernamente na América do Norte e assim o nosso José Basílio da Gama nos tempos coloniais⁶⁴.

⁶⁴ Vid. Felix Ferreira - Loc. cit. p. 6.

Entregue ao convívio das letras, ligado aos homens mais notáveis da colônia, auxiliou a Manoel Ignácio da Silva Alvarenga na fundação da Arcádia Ultramarina, modelada pela sua congênere de Roma e que reuniu o que de mais seleto havia então nas letras brasileiras.

Ao papel em extremo saliente do nosso poeta na Arcádia brasileira e à sua influência no romantismo da nascente literatura, pode-se aplicar a bela estrofe de Pedro Nolasso dedicada à memória de Correa Garção:

Da Arcádia lusa e membros que a ilustraram Garção foi honra, foi cantor divino; E das musas que o berço lhe embalaram Teve do pátrio idioma o tom mais fino.

Se dele as cinzas sem valor ficaram No pó envoltas de vulgar destino, Sempre serão no templo da memória Seus escritos brasão de eterna glória⁶⁵.

Como a Academia dos Esquecidos, a Arcádia também teve vida efêmera, se bem que luminosa bastante para ser lembrada através dos séculos como uma das mais nobres tentativas para a nossa autonomia literária. Foi extinta pelo taciturno conde de Rezende, sucessor do nobre Vasconcelos, que, enxergando conspirações por toda parte, após as primeiras notícias da inconfidência – "temeu que se metamorfoseasse em associação política a Academia literária"66.

⁶⁵ Vid. Azevedo Castro. – *Loc. cit.* p. lxxxii – Int.

⁶⁶ Pereira da Silva. – *Os varões ilustres do Brasil*. – 3ª edição, tomo II, pág. 11.

Uma ordem foi pública determinando a prisão dos principais associados e declarado passível da mesma pena quem ousasse censurar o ato do despótico governador, qualquer que fosse a classe social a que pertencesse ou o modo porque se enunciasse.

"... Pelas eras de 1782 chegava José Basílio, o poeta foragido, às plagas do Rio de Janeiro. Talvez que os infortúnios passados no velho mundo lhe houvessem matado no fundo as crenças do seu coração amargurado, e que ele não esperasse mais na sua pátria encontrar alívio, a não ser no sossego do retiro; mas um brasileiro ilustre, poeta como ele e, como ele, penetrado da missão das letras no nascente país, abriu-lhe seu peito e lançou o bálsamo santo da amizade nas chagas do desgraçado.

Este poeta era Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, que gozava então dos altos favores e intimidade do vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza — o protetor das letras do Brasil. com o apoio e assentimento do vice-rei, os dois poetas alistaram no Rio de Janeiro e faziam a chamada dos seus confrades em armas e irmãos em letras, fundando a Arcádia Ultramarina, que se compôs de quanto havia de grande e notável por aqueles lugares. Gonzaga, Cláudio, Alvarenga, Peixoto, José Basílio, Durão, Cordovil, Domingos, Vidal Barbosa, médico e poeta, conjurado do Tiradentes e morto na África. João Pereira da Silva, literato distinto. Domingos Caldas Barbosa, o improvisador. Livramento, alcunhado o irmão Joaquim, e muitos outros ainda foram os homens que se juntaram à sombra de Vasconcelos.

E tudo corria aos anelos de tantos espíritos grandiosos que trabalhavam pela gigantesca obra da literatura pátria, quando, ainda uma vez, e, quem sabe? a última, Portugal despedaçava os braços de tantos corações generosos; a Vasconcelos sucedia o conde de Rezende.

Chegado da metrópole, sua seiva estava impregnada do veneno do domínio e opressão e ele espantou-se do engrandecimento e vulto que tomava essa corporação literária encorajada por seu antecessor a quem talvez os ares do Brasil houveram adoçado o poder e envolvido o coração no véu encantado que seduziu mais tarde o rei-imperador; porque Vasconcelos banhara-se numa nacionalidade tão pura e meiga, e deixara-se levar pela branda corrente do progresso brasileiro a esbarrar algum dia na separação da colônia. E, receoso, o conde de Rezende dissolveu a Arcádia e prendeu seus membros, que taxou de cumplicidade nas ideias da revolução mineira."67

Depois de alguns dias de prisão e a muito empenho obteve a liberdade, mas com ordem expressa de deixar o Rio de Janeiro – onde já havia chegado veementes indícios do trabalho lento que ia avassalando os conjurados mineiros.

Ainda uma vez voltou a Lisboa; para sempre exilou-se da pátria que tanto estremecia!...

Na velha capital portuguesa foi recebido com todas as honras de um homem de gênio. Os Garção invejosos já não podiam abrir brecha em tal muro

⁶⁷ Schutel. – *Breves considerações sobre a poesia no Brasil*. – nos *Anais da Acad. Filosófica*, 1858, 1ª série, n. 4, p. 135.

que se consolidara à custa de trabalho e talento... A Academia Real de Ciências lhe abriu as portas; foi distinguido pelo governo com o hábito da Ordem de Santiago e os mais notáveis literatos o receberam com marcada distinção; mas... era tarde: a matéria era demasiadamente fraca para resistir incólume a tantos embates da adversidade. O isolamento em que vivia, sem lar, sem afeição da família, que é o último refúgio moral da velhice – tudo isso unido aos achaques de um corpo alquebrado pelos anos, precipitaram o termo da vida a, a 31 de julho de 1795, seu corpo foi sepultado na Matriz da Boa Hora em Belém.

"... Bem poderia rogar que sobre a campa de sua sepultura se inscrevesse a simples palavra – MISERRIMUS – porque exprimia em curto espaço toda a história de sua existência. Na bela Sé de Worcester encontra-se um túmulo solitário com este simples epitáfio. Talvez esse, que ali dorme, não fosse tão infeliz como o cantor do – *Uruguai*.68

- III -

A crítica contemporânea descobriu na obra de Basílio da Gama feição bem distinta do fim ostensivo do poema.

⁶⁸ Pereira da Silva - *Varões ilustres do Brasil* - tomo II, pág. 12.

 Aparentemente o poeta exalça o valor dos lusitanos, paga honroso tributo de gratidão à memória de Gomes Freire e Alpoim e ataca de frente a Companhia de Jesus – a quem deveu dias de bem fundas amarguras...⁶⁹

Sob esse ponto de vista e *só por ele* alcançou o beneplácito da atrofiante – Real Mesa Censória – para a publicação do poema, porque – "Pombal e os portugueses não acharam nele senão mais uma epopeia à tão decantada glória lusitana. O próprio poeta não veria nele outra coisa."

No entanto, *O Uruguai*, cantando embora a efêmera vitória dos luso-espanhóis sobre os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul, foi inconscientemente o preparador da evolução social que arrancou aos portugueses o domínio do colosso americano; nesses "versos naturais sem ser prosaicos e quando cumpre sublimes, sem ser guindados"⁷¹ – está o primeiro protesto do indígena contra a dominação do europeu intruso – "porque em fins do século passado era preciso ir, desde logo, mostrando ao lusitano que ele não

⁶⁹ Por toda parte alcançava a Basílio da Gama o ódio e a perseguição dos jesuítas, – que sentiam fundo as setas que lhes vibrou o cantor das glórias de Sepé, tanto que, 17 anos depois da aparição do poema, em 1786, publicaram em Lugano a verrina difamatória que intitularam – "Resposta apologética ao poema intitulado – *O Uruguai* – composto por José Basílio da Gama e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquês de Pombal.

Felizmente a posteridade condenou ao olvido o infame libelo e *O Uruguai* viverá tanto quanto a língua nacional.

⁷⁰ J. Veríssimo. – *Duas epopeias brasileiras – Jornal do Comércio* – nº de 15 de maios de 1899.

⁷¹ Garret – *Bosquejos da Hist. Da poesia portuguesa.* – Loc. cit. tomo I, pág. xlviii.

estava só nesta América e que as raças escravizadas haviam um dia de quebrar o jugo⁷².

Em breve, *O Caramuru de Santa Rita Durão* repetia em nome do norte, o protesto do sul...

É que o gênio é em geral inconsciente e muitas vezes a sua obra excede a sua intenção e o seu propósito⁷³.

Dir-se-á que cada escritor é como o operário ignorado desses templos da Idade Média, que, contribuindo para a construção de tantas maravilhas artísticas, vê a sua iniciativa confundida na ação coletiva que fundou o primoroso monumento⁷⁴ — assim também o trabalho de Basílio da Gama confundiu-se na grandiosa obra do Ipiranga, ficando-lhe, porém, a glória de ter lançado a primeira pedra nos alicerces do monumento nacional.

Foi ainda o poema – *Uruguai* – que derrocou para sempre as velhas composições mitológicas, constituindo-se – "o genuíno precursor do romantismo nacional⁷⁵;" – foi ele ainda o primeiro que estreou na Europa a poesia do Novo Mundo⁷⁶.

A despeito do *lusitanismo* que dominou o poeta, consequência, aliás, da época e do meio em que viveu, é patente a sua predileção pelas coisas indígenas;

⁷² Silvio Romero. – *Introdução à Hist. da literatura brasileira.*

⁷³ José Veríssimo. – *Duas epopeias Bras.* – Ibid.

⁷⁴ Lopes de Mendonça. – *Memórias da literatura contemporânea.*

⁷⁵ Silvio Romero. – *Ibid*.

⁷⁶ F. de Castilho – Bibliot. Clássica.

conscientemente ou não, transparece em quase todas as suas composições rancoroso sentimento de rebeldia ao jugo europeu e o seguinte soneto, a par com a correção e beleza da forma, bem mostra que não foi somente autonomia pátria que lhe fez vibrar o estro inspirado, mas sim a liberdade da América, antecipando de um século a bela doutrina de Monroe, que hoje se desvirtua com a pirataria ianque.

Ao inca

Dos curvos arcos açoitando os ares Voa a seta veloz do índio adusto, O horror, a confusão, o espanto, o susto, Passam da terra e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os trêmulos cocais Animoso esquadrão do chefe augusto, Rompe as cadeias do espanhol injusto E torna a vindicar os pátrios lares.

Inca valente, generoso indiano Ao real sangue que te alenta as veias Une à memória do paternal dano.

Honra as cinzas de dor, de injúrias cheias Que ainda fumando a morte, o roubo, o engano, Clamam vingança as tépidas areias. Tão belas estrofes cantam a vitória dos indígenas do Pacífico, nobres descendentes dos quichúas, alcançada sobre o orgulho castelhano – que em curta luta viu-se abatido pelos colonos que vingaram enfim a inaudita fereza dos Pizarros...

Causa pena o procedimento infame do padre que, em nome de Deus, lhe assistiu os derradeiros momentos; o covarde ministro de Cristo, temendo talvez a perseguição dos jesuítas, lançou ao fogo as numerosas poesias inéditas que o poeta lhe confiara pra entregar à família!...

Quem sabe o que nos revelariam hoje essas relíquias do inspirado cantor das glórias de Sepé?

Rio Grande do Sul, 1900.

J. Arthur Montenegro

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Arthur Montenegro foi múltiplo em sua ação como pesquisador, abordando variadas áreas do conhecimento humano, como era comum aos homens de letras de então. Entretanto ele acabava por demonstrar alguns indícios por uma certa preferência pelos trabalhos de cunho histórico. Mesmo nas *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, pesquisa voltada essencialmente ao estudo de natureza geográfica, e no texto de apresentação da edição especial de *O Uruguai*, o escritor não deixava de realizar algumas incursões à abordagem histórica, notadamente na realização de uma espécie de

contextualização, de acordo com suas concepções e critérios historiográficos. Isso ocorria tanto pelas inerentes interfaces entre as áreas do saber histórico-geográficos e histórico-literários, quanto pela tendência dos intelectuais de então, pela qual não havia uma fronteira bem definida quanto a este ou aquele segmento do conhecimento.

Esta certa preferência pela história e, fundamentalmente, sua vocação para o estudo da Guerra do Paraguai faziam com que José Arthur Montenegro, apesar dos projetos multifacetados, não deixasse de lado tais inclinações, de modo que, ao lado dos demais estudos, ele persistia na realização de pesquisas em torno daquele conflito entre os países da região platina. Algumas dessas pesquisas foram publicadas no livro *Fragmentos* históricos *– homens e fatos da* Guerra do Paraguai⁷⁷. Na forma de amostragem desse contínuo afã de abordar o enfrentamento da Tríplice Aliança contra o Paraguai, foi extraído um texto do citado livro e transcrito a seguir. A escolha recaiu sobre "Valor indomável", artigo em que Montenegro mesclava seu estilo histórico com um tom até certo ponto literário. Ao invés da tradicional abordagem descritiva calcada basicamente nas estratégias militares, o escritor optava por narrar em detalhes as agruras e os quadros tétricos que compunham a guerra. Além disso, ele não centrou a história nos comandantes, ou seja, naqueles que normalmente eram quindados ao panteão dos heróis nacionais e, ao contrário, o protagonista era um simples soldado. Entretanto, permanecia a intenção de enfatizar os atos de

MONTENEGRO, José Arthur. Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. A abordagem deste livro foi realizada mais amiúde nos números 17 e 18 desta Coleção.

bravura das tropas brasileiras, mantendo o intento de estabelecer arquétipos voltados à heroicização.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

VALOR INDOMÁVEL

Foi diante dos muros de Paissandu.

A brigada brasileira do general Antônio de Sampaio avançava pelo norte da praça, tomando à baioneta as barricadas opostas pelo inimigo de quarteirão em quarteirão; cada açoteia, transformada em inexpugnável reduto, exigia uma escalada em regra.

As bombas e a metralha cruzavam-se por toda parte; o sangue corria a jorros, formando poços, escorrendo pelas sarjetas das ruas cobertas de mortos e feridos.

Quarenta e duas horas havia decorrido desde o começo do ataque e nesse longo espaço de tempo o estrépito da fuzilaria não cessara um segundo; a cidade, envolvida em espessa nuvem de fumo, parecia presa de um vasto e pavoroso incêndio.

À tenacidade do ataque igualava o heroísmo da defesa.

* *

A confusão era horrível!

À medida que iam avançando os batalhões por aquele dédalo de ruas, vielas estreitas e tortuosas, se cuidava de conduzir os feridos que ficavam na retaguarda. Havia o perigo da retirada e era necessário salvar esses desgraçados que podiam a cada momento encontrar a morte debaixo das patas dos cavalos, os esquadrões de Flores, os corpos da brigada ligeira e os regimentos de Osório manobravam em todas as direções a par da infantaria!...

Duas companhias do 3º batalhão atacavam a *Anela Dorada*, onde alguns centos de inimigos defendiam com furor o velho casarão crivado de obuses.

O capitão Francisco Frederico Figueira de Mello, como oficial mais antigo, dirigia o ataque: – verdadeira escalada.

Um soldado, tranquilamente ajoelhado junto à sua carabina, fazia atadura de lenço; – um golpe de lança lhe atravessara a face direita, a esclerótica saltara e pelo álveo da córnea um jorro de sangue saía.

Que fazes aí, Alexandre. Estás ferido? Vai para ambulância! gritou-lhe Figueira de Mello.

Para ambulância! eu para ambulância, meu capitão? responde o velho soldado de Moron.

Vai te curar antes que fiques aí desmaiado. Estás com a vista perdida desgraçado!

É verdade, meu capitão, mas o canhoto ainda enxerga...

E o soldado, pronta a atadura, endireitou-se, tomou da espingarda com gesto enérgico e correu para a frente antes que Figueira de Mello pudesse detêlo.

Um quarto de hora depois a *Anela Dorada* era tomada, mas a luta continuava nos muros dos quintais, transformados pelos *blancos* em outras tantas trincheiras!

Uma bala inimiga veio ferir o braço direito de um soldado que se esforçava para trepar um muro...

O soldado rolou por terra, já do lado oposto, onde se brigava corpo a corpo, à baioneta, com os *blancos* entrincheirados atrás de uma pilha de tijolos.

Figueira de Mello corre a levantá-lo...

Ah! é *vamcê* meu capitão? Os gringos *implicaram* comigo, mas eu me vingo...

E ainda não estás satisfeito, Alexandre? Vai para a ambulância se ainda podes andar!

O soldado não respondeu, mas agarrando a carabina pela boca e manobrando-a com clava atirou-se no meio da luta, gritando:

Agora, gringos, é com o canhoto!

* *

O capitão Figueira de Mello, maravilhado ante tão grande bravura, seguiu o valente caboclo que fazia com a sua clava horrível destroço no grupo dos *blancos* que lutavam como leões.

Sua primeira vítima foi um oficial: formidável pancada, com a face da coronha esmigalhara o crânio do infeliz... três vítimas seguiram-se à primeira, derrubadas pela força hercúlea do caboclo nortista...

De repente, ferido em pleno peito, caiu o desgraçado!

O oficial aproximou-se: horrível expressão naquele rosto mutilado. Olhou para o chefe, quis falar e uma golfada de sangue saiu pela boca...

Suas últimas palavras resumiram um mundo de felicidade e amor: recordava o regaço materno e a pátria querida.

Minha mãe... Viva o Mossoró!.78

* *

Alexandre Baraúna Mossoró, soldado da 5ª companhia do 3º batalhão de infantaria, era natural da margem cearense do Rio Mossoró, onde tinha sua velha mãe a quem servia de arrimo.

⁷⁸ Com o estrépito da luta não se percebeu bem se ele queria dizer que sua mãe "vivia em Mossoró" ou se deu um "viva" ao berco natal.

Era um caboclo baixo de estatura, fisionomia simpática, excessivamente reconcentrado, obediente, serviçal e muito estimado no corpo onde servia, desde 1851, sem cometer uma só transgressão disciplinar.

O asseio de seus uniformes e o trato cuidadoso de seu armamento, mais de uma vez chamara atenção dos chefes que lhe dispensavam particular atenção.

Quando o exército reunia-se em Piraí-Grande, em novembro de 1864, foi promovido a cabo de esquadra e escolhido para ordenança efetiva do comandante em chefe, o general João Propício.

O caboclo cearense foi logo à barraca do coronel Sampaio se empenhar para ficar sem efeito a sua promoção, confessando ao coronel que assim procedia porque não *nascera para criado de ninguém*, e de tal modo se expressou que Sampaio, tomando vivo interesse por aquela rude e nobre altivez de caráter, conseguiu do general a nulificação do posto dado ao soldado Mossoró.

* *

Findo o combate, o general Antônio Sampaio, informado da trágica morte de Alexandre, foi em pessoa procurar o seu cadáver e, acompanhado por muitos oficiais, assistiu à inumação, mandando colocar sobre a sepultura tosca cruz de madeira com esta inscrição:

Respeitai o jazigo de um bravo.

Depois da capitulação de Montevidéu, o general Antônio de Sampaio enviou à mãe de Alexandre 35\$000 em dinheiro, produto de uma subscrição iniciada pelo capitão Figueira de Mello entre os oficiais cearenses da 6ª brigada: última homenagem prestada à memória do ignorado herói de Paissandu, cujo nome, felizmente, pude salvar do olvido.

A GUERRA DO PARAGUAI: FOTOGRAFIAS AVULSAS

Parte-se da premissa de que a fotografia é um documento histórico que remete a abordagens compatíveis a este objeto. Um documento escrito ou fotográfico não é o passado em si! É possível imaginar imagens a partir da leitura de um texto repleto de detalhes e de uma rica estrutura narrativa; também é possível fazer uma leitura gráfica e converter as imagens em textos escritos e em interpretações. Ambos os documentos foram produzidos por personagens que se fundam na historicidade que é esta capacidade de dar sentido aos signos que buscam organizar a trajetória humana em sociedade. Os escritos ou as imagens são documentos históricos que necessitam da leitura de seus fundamentos para serem redimensionados frente às motivações psicossociais do presente mediadas pelas normativas científicas. O proceder investigativo no presente fará uma releitura do passado representado nestes documentos e buscará desvelar a compreensão da definição de mundo que se desejou criar ou que se fez expressar. Uma releitura é uma recriação! Não é um ponto final na interpretação, mas, a abertura para que diferentes olhares e referenciais interpretem as imagens e produzam explicações.

A maioria das fotografias que serão reproduzidas a seguir remete a dois modelos que popularizaram esta técnica/arte: os *carte de visite* e os *cabinet*. Estes formatos foram responsáveis pela popularização, especialmente o primeiro, e pela ampla difusão da fotografia.

O primeiro formato, que popularizou e foi fundamental para a expansão do uso da imagem fotográfica, foi criado em 1854 por André Adolphe-Eugène Disdéri (1819-1889), que patenteou sua invenção com o nome de *carte de visite*.

uma câmara fotográfica com quatro lentes para obter oito retratos em apenas uma chapa de vidro; as primeiras quatro fotos eram expostas, a chapa se deslocava e permitia a exposição das outras quatro fotos. Os *cartes de visite* apresentavam uma fotografia de cerca de 9,5 x 6 cm montada sobre um cartão rígido de cerca de 10 x 6,5 cm. A copiagem era feita geralmente com a técnica de impressão em albumina. O invento permitiu a produção em massa de fotografias⁷⁹.

Nos Estados Unidos a circulação começou em 1859 e as cartes de visite tiveram uma grande difusão durante a Guerra da Secessão (1861-1865). Neste conflito, que provocou a morte de quase um milhão de pessoas, ocorreu uma ampla troca de imagens entre os combatentes e seus familiares. O final da Guerra Civil nos Estados Unidos é contemporâneo dos primeiros meses da Guerra do Paraguai. Os fotógrafos estrangeiros já estão informados sobre o perfil comportamental dos norte-americanos em preservar a imagem de um combatente que poderá ser morto ou ferido em combate e difundem os cartes de visite pelos diferentes recantos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

O *Cabinet portrait* ou gabinete surgiu na Inglaterra em 1866 com o formato de *carte de visite*, mas, de tamanho maior. Também foi chamado de *carte boudoir*. Seu formato era de 9,5 por 14,0 cm montado sobre cartão rígido de 11 por 16,5 cm. A partir da década de 1870 este formato vai suplantando o *carte de visite* que "popularizou a arte do retrato, ao conferir ao fotografado o status de

⁷⁹ Cartões de visita – *cartes de visite.* 5 de janeiro de 2016. http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=cartes-de-visite.

distinção e posição social"80. Estes dois formatos foram fundamentais para ampliar o mercado de consumidores e propiciar o desenvolvimento e expansão da fotografia: o sucesso encorajou a pesquisa de novas técnicas, processos de revelação e sofisticação do material fotográfico.

Conforme Kossoy,

"O progressivo desenvolvimento da atividade a partir da década de 1860 em virtude, por um lado, da introdução de novos processos e de técnicas fotográficas baseadas no princípio do negativo-positivo, que, barateando os custos de produção do retrato fotográfico, o tornaria acessível a um público maior. Por outro lado, assiste-se a um progresso econômico: multiplicam-se as ligações ferroviárias, a imigração europeia é incentivada, transformam-se as feições dos mais importantes centros urbanos, há, enfim, um efetivo crescimento de uma classe média nas maiores cidades, particularmente no Rio de Janeiro, sede da Corte e, mais tarde, da República. A clientela, nesta altura, já teria um perfil diferente daquele dos primeiros tempos da daguerreotipia, quando o retratado era, via de regra, um representante da elite agrária ou da nobreza oficial. Nas últimas décadas do século avolumava-se o número de estabelecimentos fotográficos em virtude da nova clientela constituída de comerciantes urbanos, professores, profissionais liberais, funcionários da administração, entre outros elementos de uma classe que almejava ter sua imagem perpetuada pela fotografia".81

⁸⁰ KOSSOY, Boris. *Um Olhar sobre o Brasil*. a fotografia na construção da imagem da nação (1833-2003). Madrid, Rio de Janeiro: Fundación Mafre e Editora Objetiva, 2012, p.55.

⁸¹ KOSSOY, Boris. *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro. Rio de Janeiro:* Instituto Moreira Salles, 2002, p. 11-12.

Na maioria dos retratos fotográficos do Arquivo Montenegro, "o olhar e a pose do retratado também apresentam, constroem e defendem sua identidade perante o fotógrafo", sem dissimulações permitindo uma "leitura mais direta do olhar e da expressão dos retratados". Por vezes poses solenes, por outro, olhares espontâneos e diretos que podem ser entendidos como "registros que lidam simultaneamente com as aparências relacionadas à liturgia dos códigos do retrato de estúdio da época e também com o olhar, expressão e pose que estabelecem a identidade dos indivíduos diante do fotógrafo e do mundo"82.

A Coleção Montenegro é um convite para a investigação das possibilidades das leituras das técnicas, vestuário, perfis humanos, lugares sociais, representações do poder, contexto histórico etc. A seguir são reproduzidas 103 retratos de personagens relativos a Guerra do Paraguai, sendo a maioria dos formatos constituído por *carte de visite* e *cabinet*.

⁸² Retratos. 16 de abril de 2015. http://brasilianafotografica.bn.br/



Capitão Angelino Carvalho, falecido no Paraguai por ferimentos recebidos na batalha de 24 de maio. Faleceu a 18 de julho. 6,5 cm (largura) x 10 cm (altura).



Antonio Enéas Gustavo Galvão. 13x21.



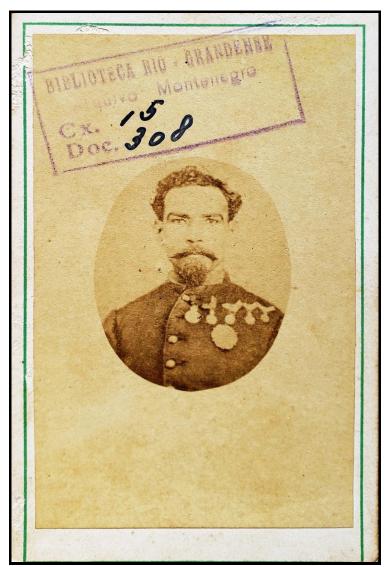
Antonio Jacinto Pereira Junior. Tirado a 13 de agosto de 1868. 6,5x10.



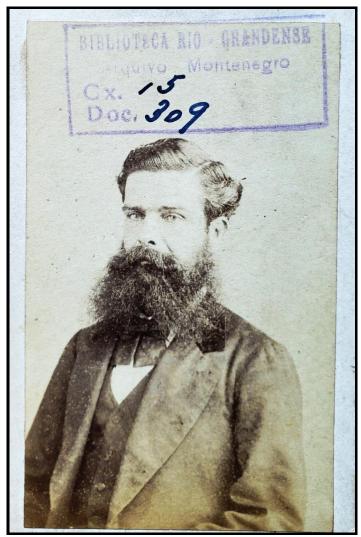
Antonio José Fernandes Lima. 6,5x10.



Antonio José de Moura (8-12-1878). 6,5x10.



Marechal (Reformado) Antonio Maria Coelho, Barão de Amambay. Assunção 3 setembro de 1874. 6,5x10.



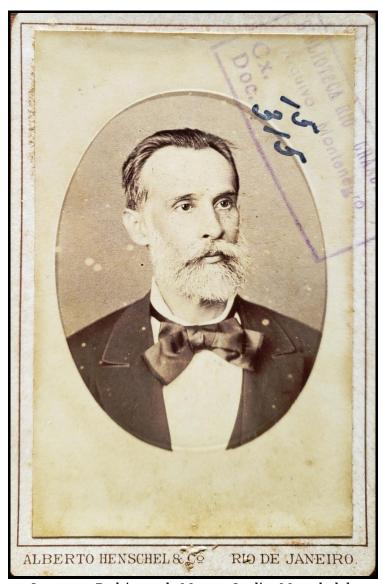
Antonio Pinto de Araújo Correa. Barão de Santa Marta. Em 1º de novembro de 1867. 6,5x10.



Francisco Camerino. Faleceu em decorrência de ferimentos em combate. 6,5x10.



Francklim do Rego Cavalcanti de Albuquerque Barros (8-12-1892). 13x21.



Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim Marechal de Exército reformado). 6,5x10.



João Guilherme de Bruce. Retrato tirado em 20 de dezembro de 1873. 6,5x10.



João de Macedo Pimentel. São Paulo, 21 de agosto de 1886. 11x16,5.



Coronel João Niederauer Sobrinho. Faleceu no combate de 11 de dezembro de 1868, na Vileta. 6,5x10.



José de Almeida Barreto (09-07-1893). 6,5x10.



José Auto da Silva Guimarães. Assunção, 19 de abril de 1872. 6,5x10.



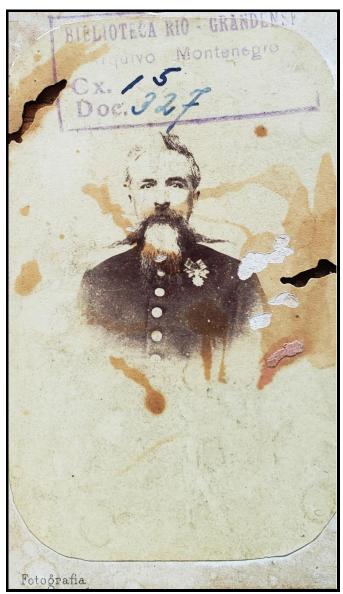
José Coelho Borges. 6,5x10.



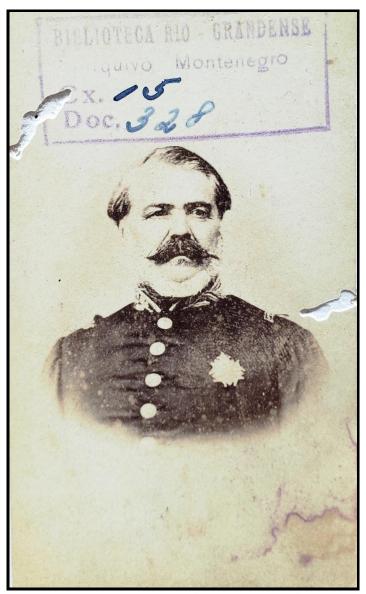
José Lustosa da Cunha (1893). 6,5x10.



Coronel Manoel Antonio da Cruz Brilhante. 6,5x10.



Manoel da Cunha Barboza. Diretor do Hospital do Salto. Novembro de 1865. 6,5x10.



General Manoel Luiz Osório (Barão do Herval). 6,5x10.



Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão. 6,5x10.



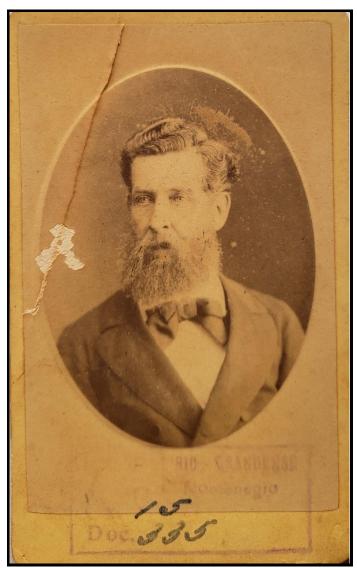
1° Tenente Eusébio de Paiva Legey, Ajudante de Ordens do Almirante Visconde de Inhauma. 20 de janeiro de 1870. 6,5x10.



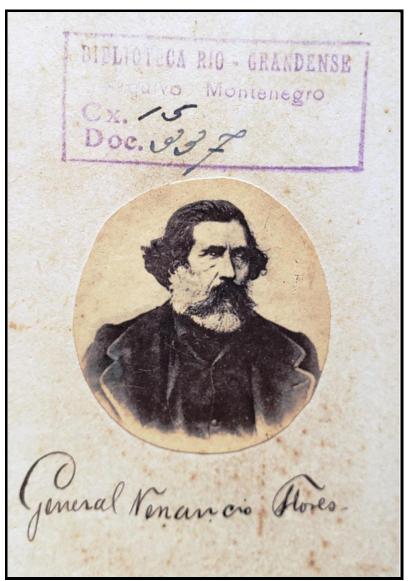
Capitão de Mar e Guerra Felinto Perry. 6,5x10.



Firmino F. Rodrigues Chaves, Imediato de C. Parnahyba (1870). 6,5x10.



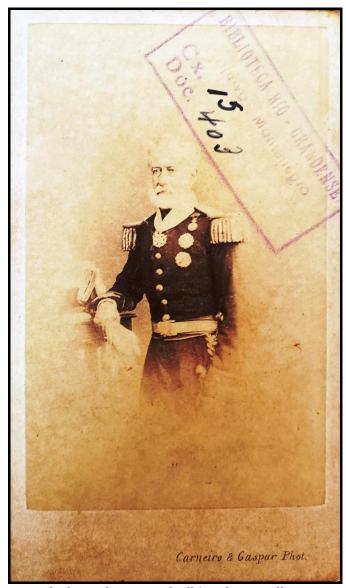
Francisco José Coelho Netto. 6,5x10.



General Venancio Flores. 6,5x10.



Wenceslao Paunero. Mayo 31 de 1895 (Consul General de la Republica Argentina). 11x16,5.



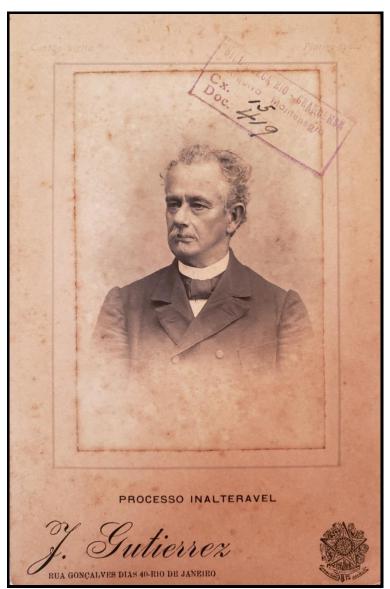
General Alexandre Manoel Albino de Carvalho. 6,5x10.



Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza. Londres 5 de fevereiro de 1874. 6,5x10.



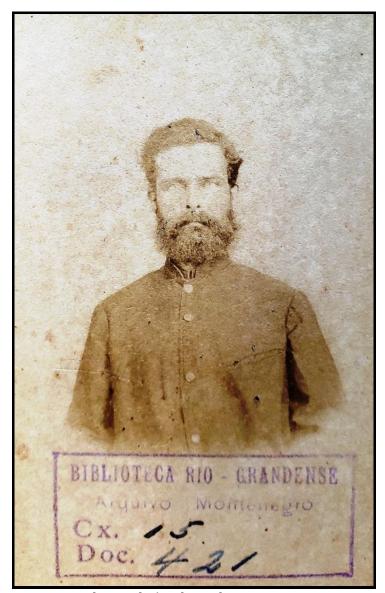
Camilo Mércio Pereira. 10x14.



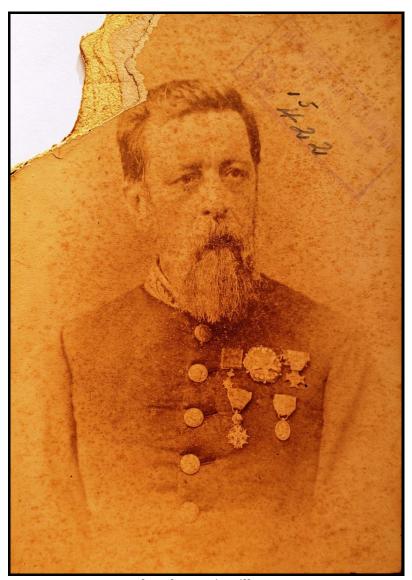
Marechal Conrado Jacob de Niemeyer. 11x16,5.



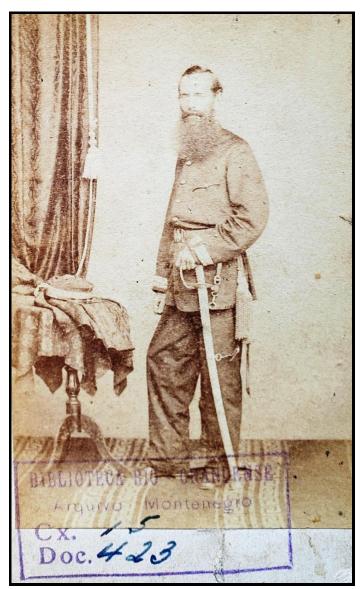
Carlos Cyrillo de Castro. 6,5x10.



Carlos Frederico da Rocha, 1868. 6,5x10.



General Carlos Resin Filho. 11x16,5.



Major Cypriano Jose Pires Fortuna, abril de 1869, Paraguai. 6,5x10.



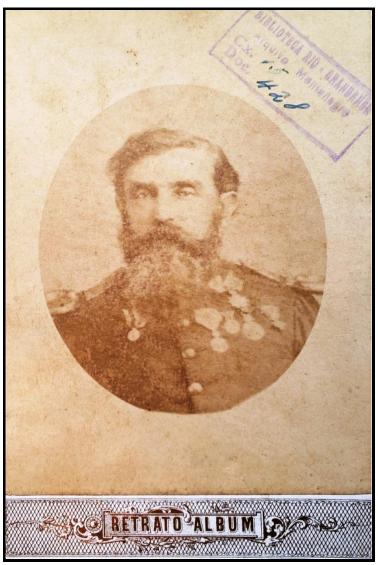
David Canabarro. 6,5x10.



Coronel David Pereira Maxado. 6,5x10.



Delfim Rodrigues de Almeida. 6,5x10.



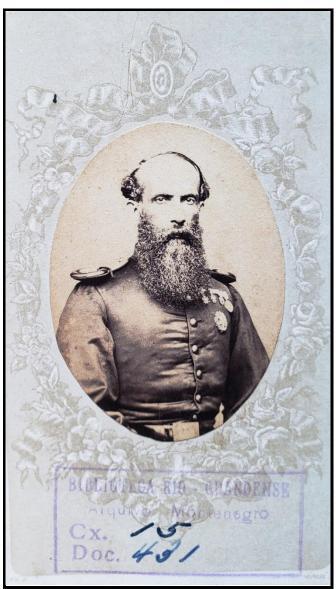
Major Honorário Dinarte Correia de Mello, ferido no combate de 3 de outubro, no Humaitá. 11x16,5.



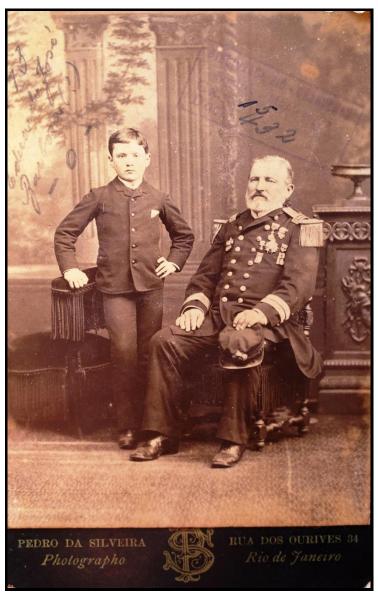
Coronel Diniz Dias (Barão de São Jacob). 6,5x10.



Coronel Diniz Dias (Barão de São Jacob). Cruz Alta. 6,5x10.



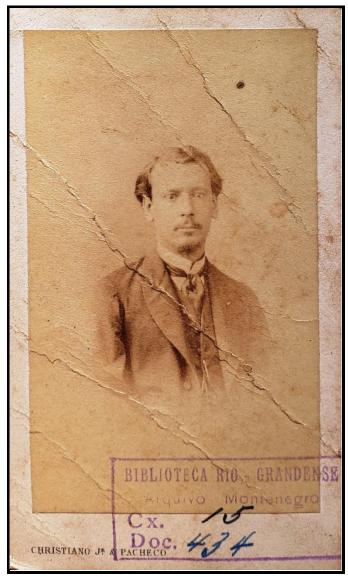
Domingos Alves Barreto Leite. Tagi, 4 de junho de 1868. 6,5x10.



Eduardo José Barbosa. 11x16,5.



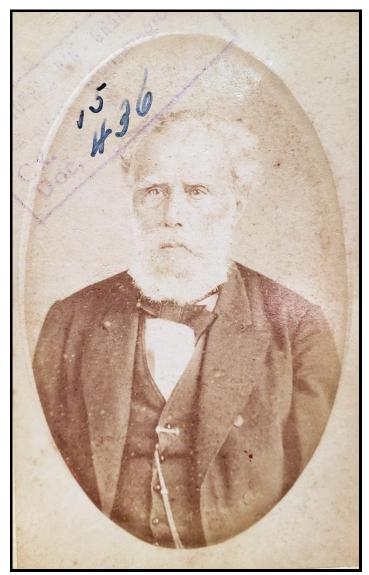
Eduardo Machado Freire Pereira da Silva. 6,5x10.



Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Mello. 6,5x10.



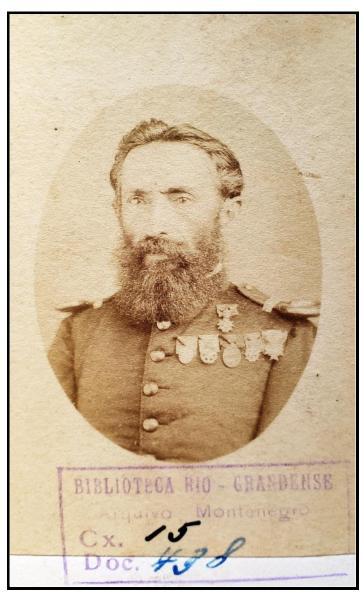
Coronel Felipe Betbeze de Oliveira Nery. 6,5x10.



Fidelis de Abreu e Silva. 6,5x10.



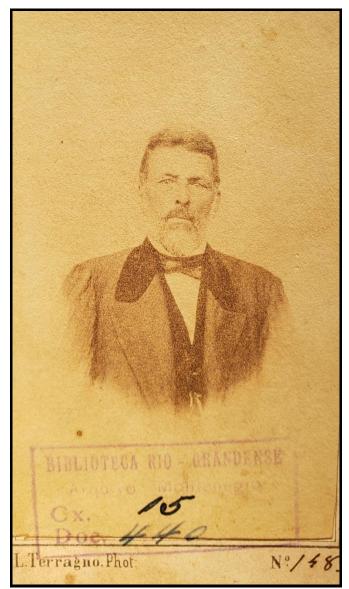
Francisco Antonio Pimenta Bueno. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1876. 6,5x10.



Francisco das Chagas Pinheiro. 6,5x10.



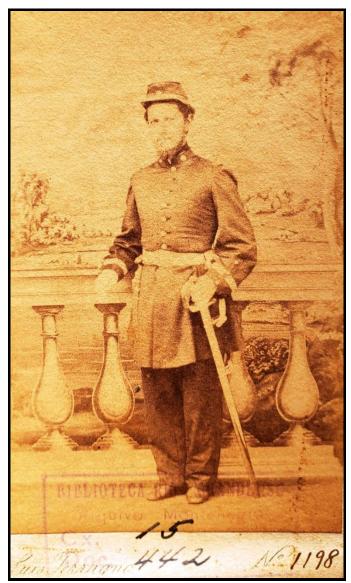
Francisco Cezar da Silva Amaral. Em Pare-Cue, 16 de agosto de 1868. 6,5x10.



Coronel Francisco Ignácio Ferreira. 6,5x10.



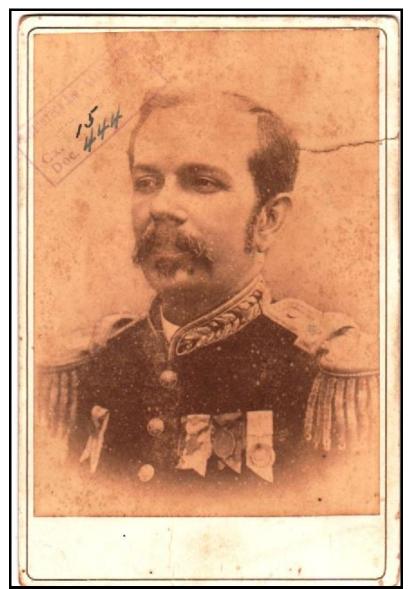
Francisco Jose Teixeira Junior. 6,5x10.



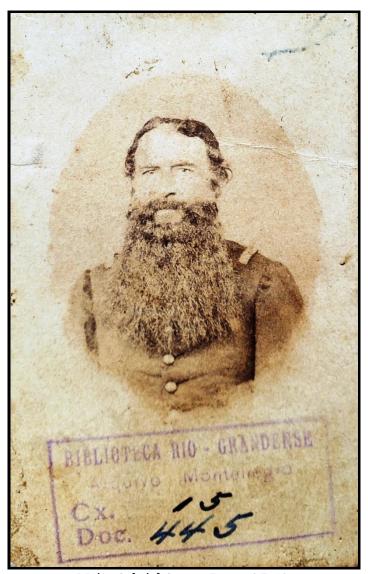
Capitão Francisco Pinto da Motta. 6,5x10.



Franklim Antonio da Costa Ferreira. 6,5x10.



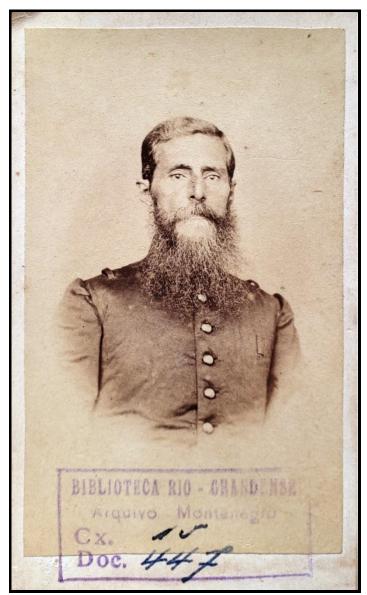
Floriano Vieira Peixoto. 6,5x10.



Major Gabriel Gomes Porto. 6,5x10.



General de Brigada Guilherme C. Lassance. Assunção, 14 de novembro de 1874. 6,5x10.



General Guilherme Xavier de Souza. 6,5x10.



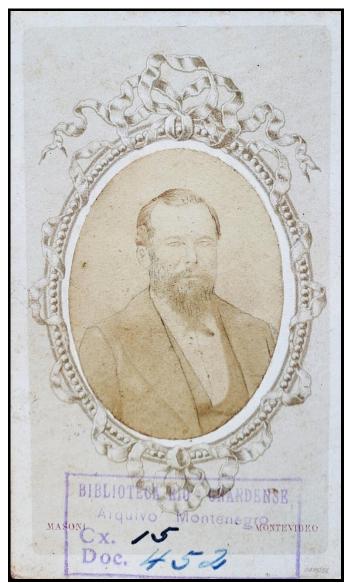
General Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero (Barão de Forte de Coimbra). 11x16,5.



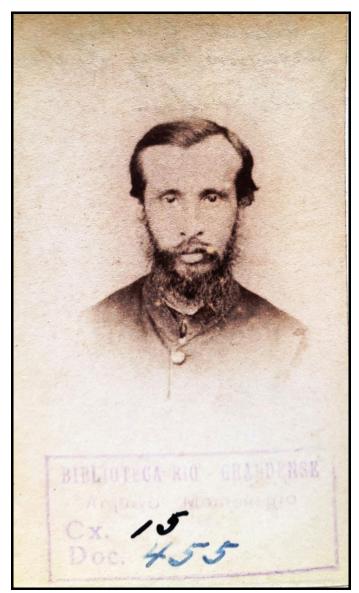
General Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero (Barão de Forte de Coimbra). 6,5x10.



Henrique de Carvalho Borges. Tayi, 15 de agosto de 1868. 6,5x10.



Hypolito Antonio Ribeiro. 6,5x10.



Tenente de Engenheiros Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim.



João Carlos Abbadie. 6,5x10.



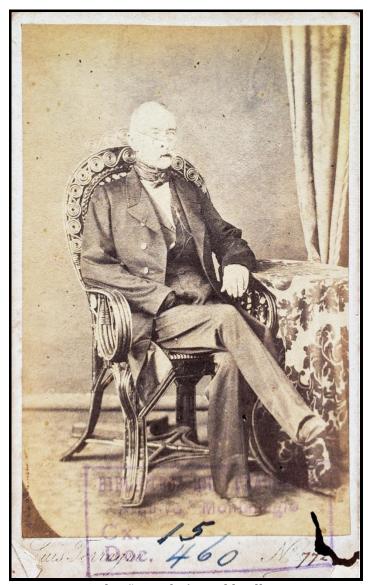
João Clemente Godinho.11x16,5.



Coronel João Francisco Jardim. 6,5x10.



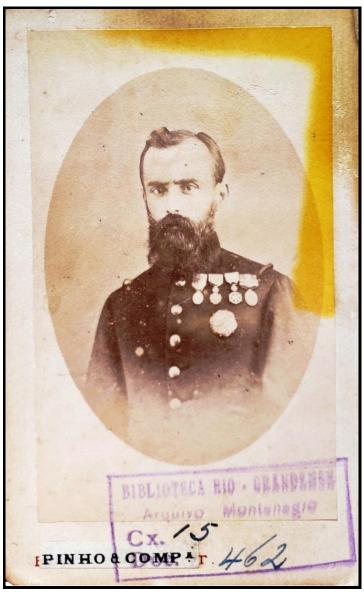
General João Frederico Caldwell. Bagé. 6,5x10.



General João Frederico Caldwell. 6,5x10.



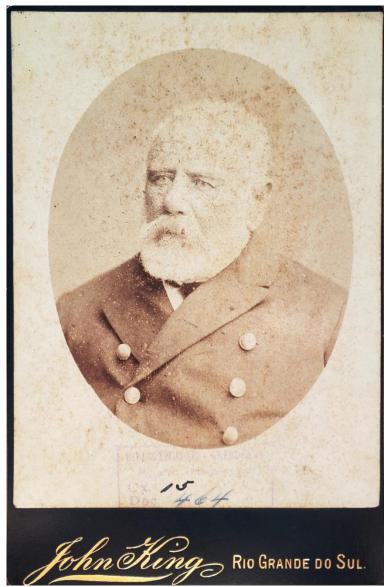
João Manoel Menna Barreto. 6,5x10.



João Nepomuceno de Medeiros Mallet. 6,5x10.



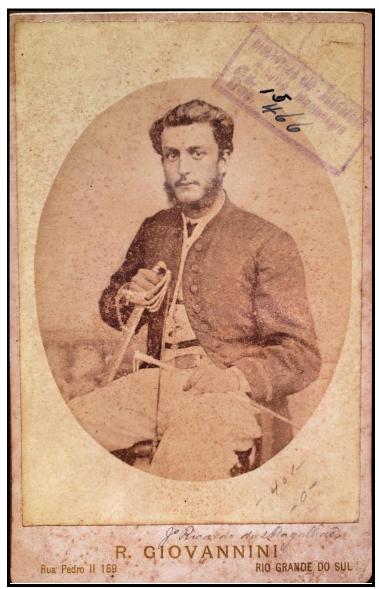
João Nepomuceno da Silva. Ceará, abril, 30 de 1875. 6,5x10.



General João Nunes da Silva Tavares.11x16,5.



Tenente-Coronel João Pinho Homem. 6,5x10.



João Ricardo de Magalhaes.11x16,5.



João de Souza Fagundes. 6,5x10.



Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa (Visconde da Penha). A bordo do Alice – 9 de abril de 1869. 6,5x10.



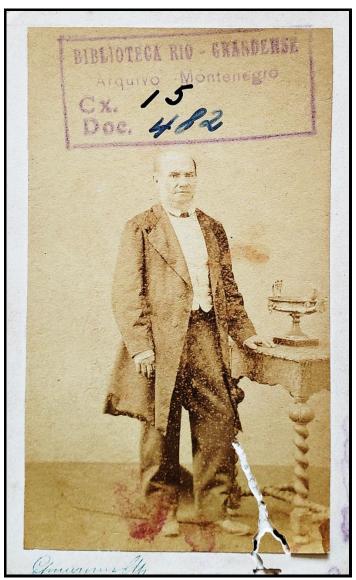
João Thomaz de Cantuária.17x26.



Coronel José Alves Valença. 6,5x10.



Tenente-Coronel José Gabriel de Lima. 6,5x10.



José Joaquim Rodrigues Lopes, Barão de Mattoso. 19 de agosto 1868. 6,5x10.



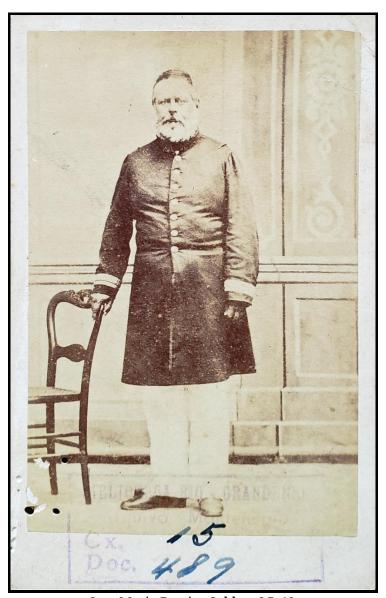
José Joaquim Rodrigues Lopes – Barão de Mattoso. 6,5x10.



Jose Luiz da Costa Filho. Bagé. 6,5x10.



José Maria Borges. Vila Rica, 22 de outubro de 1869. 6,5x10.



Jose Maria Pereira Caldas. 6,5x10.



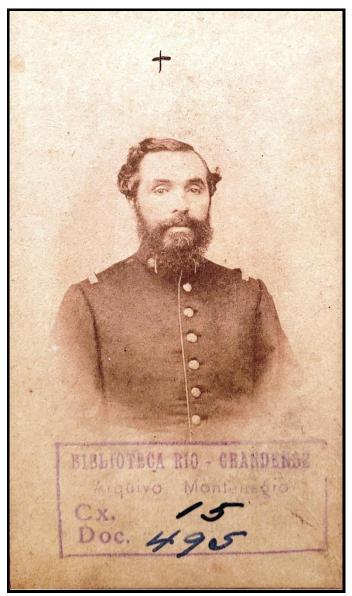
Tenente-Coronel de Engenheiros José Thomé Salgado. 6,5x10.



Jorge Diniz Santiago. 6,5x10.



Tenente-Coronel Luiz Alves Pereira. 6,5x10.



Luiz Ignácio de Albuquerque. 6,5x10.



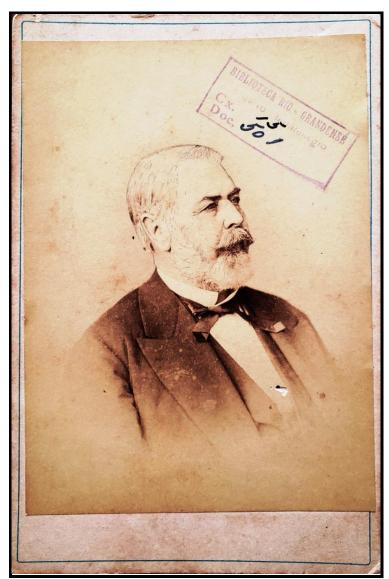
Manoel da Cunha Barbosa. Salto. 24 de setembro de 1865.16,5x21.



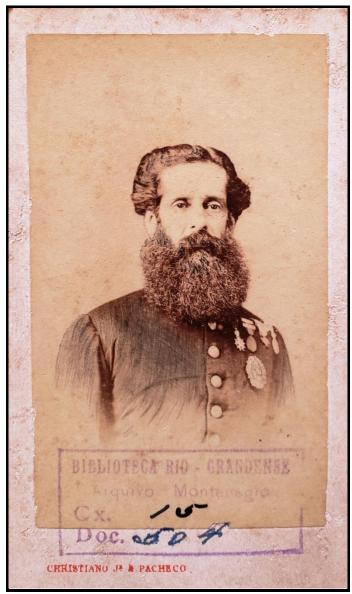
General Manoel Almeida Gama Lobo d'Eca (Barão de Batovy). 6,5x10.



Manoel Jacinto Osório. 6,5x10.



General Manoel Luiz Osório (Marques do Herval).11x16,5.



Manoel Maria Camisão. 6,5x10.



Manoel de Oliveira Bueno. 6,5x10.



Coronel Manoel Pereira Vargas. 6,5x10.



Pedro Alves de Alencar. 6,5x10.



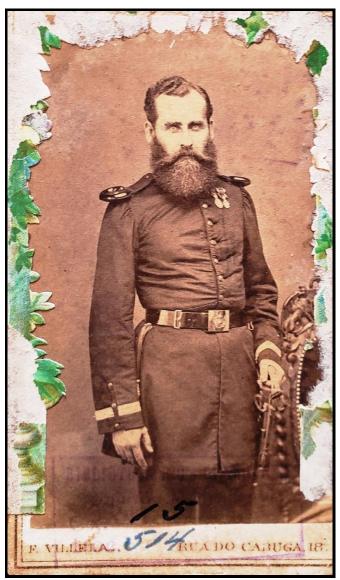
Capitão Raphael de Prado Pereira. Tuyuty, 16 de agosto de 1867. 6,5x10.



Raymundo Remigio de Mello. 6,5x10.



Silvestre Nunes Gonçalves Vieira. 6,5x10.



Temoleão Peres de Albuquerque Maranhão. 6,5x10.



Tibúrcio Alvares de Siqueira Fortes. 6,5x10.



Coronel Tristão José Pinto. 6,5x10.



Umbelino Alberto de Campos Limpo. 6,5x10.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-01-0